Histórias tuyuka

de rir e de assustar

AEITU
UTAPINOPONA BUERIWI
ASSOCIAÇÃO ESCOLA INDÍGENA UTAPINOPONA TUYUKA

Histórias tuyuka

de rir e de assustar

HISTÓRIAS CONTADAS E ESCRITAS POR PAIS E CRIANÇAS DA AEIT2

AEITU
ʉTAPINOPONA BUERIWI
ASSOCIAÇÃO ESCOLA INDÍGENA ʉTAPINOPONA TUYUKA

UTAPINOPONA BUERIWI

ASSOCIAÇÃO ESCOLA INDÍGENA UTAPINOPONA - AEITU

Declaração

Nós povo Tuyuka das comunidades de Pari acima, do Alto Rio Tiquié, concordamos com a publicação dos livros Kiti Wederira, Tuo Hoarira e Waikura Wura em língua portuguesa para divulgação da nossa cultura e sabedoria entre outros povos indígenas e entre não-indígenas.

Entendemos que o material é da autoria coletiva e os ganhos finaceiros resultantes da venda dos publicações, vai resultar para a Associação Escola Indígena Tuyuka, servindo para apoiar os seus serviços prioritários.

São Pedro, 20 de janeiro de 2003.

ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL
"UTAPINOPONA"
Dec. Mun. Nº 013 de 25 de Março de 2002
Alto Rio Tiqu
São Gabriel da Cachoeira - AM

Higino Pimentel Tenório
Higino Pimentel Tenório
Coordenador Político Pedagógico

José Barreto Ramos
José Barreto Ramos
Vice - Coordenador

Assinaturas:

1 - Santiago Marques Meira
2 - Laurentina Ramires Meira
3 - Inácia Moosa Marques
4 - Carlos Marques Meira

5 - Joaquim Prado
6 - Basilia Barbosa
7 - Salvador Meira
8 - Ernesto Ramos
9 - Pedro Amaral Barbosa
10 - João Paulo P Tenório
11 - José Maria Barbosa Ramos
12 - Rafael J. Tenório
13 - Geraldino Pena Tenório
14 - Higino Penha Fernandes
15 - Antonio Marques Meira
16 - João Teles Meira
17 - Paulino Ramos
18 - Belmiro Marques Tenório
19 - Cecilia Pimentel Tenório
20 - Quintina Alves
21 - Deolinda Marques Prado
22 - Isabel Villega
23 - Helena Campo Rezende
24 - Amelia Barreto
25 - Madalena Amaral Barbosa
26 - Avolina Barbosa Meira
27 - Basilia Marques Meira
28 - Matilde Fernandes Rezende
29 - Pedro Maranhão Lima
30 - Amélia Marques Massa.
31 - Lenilza Marques Ramos
32 - Otilia Marques Ramos
33 - Benedita Ramos
34 - Paulina Ramos
35 - Antonio Sarmento Rezende.
36 - Geraldina Neri
37 - Gabriel Prado Barbosa
38 - Jose Rafael Lima Rojas
39 - gustavo amaral barbosa
40 - Maria Aparecida Marques Tenório
41 - Marcos Rezende Barbosa
42 - Maria Edina Barbosa Ramos
43 - Luciano Amaral Barbosa
44 - João Fernandes Prado Barbosa
45 - João Bosco Marques Tenório
46 - Olando Fernandes Prado Barbosa
47 - João Bosco Azevedo Resende
48 - Higino Barbosa Meira
49 - Deolinda Barbosa
50 - José Barreto Ramos
51 - Pedro Marques Ramos
52 - Patricia Lima
53 - Jesus Lima Marques
54 - Odineia Meira Barbosa
55 - Alexandre Sarmento Rezende
56 - Laureano Ramos
57 - Luciano Barbosa
58 - Raimundo Tenório
59 - Quiteria Barreto
60 - Emilio Rezende
61 - João Barbosa
62 - mauro pimentel Tenório
63 - Sumé ilza Barreto
64 - Jonas Barbosa
65 - Solange Marques Ramos
66 - Mª eleusa Barbosa Ramos

Histórias tuyuka
de rir e de assustar

O livro

O povo indígena Tuyuka está começando a usar a sua língua escrita, produzindo sua própria literatura. Fizeram o livro de histórias "Kiti wederira ʉʉohoarira", todo escrito na língua tuyuka, que agora está sendo traduzido para o português com o título "Histórias tuyuka de rir e de assustar".

Histórias de rir e de assustar

Os Tuyuka contam histórias em reuniões, nas festas, refeições comunitárias, visitas... Contam para informar, distrair, divertir ou para ensinar às crianças. Contam e recontam em versões variadas e livres.

Contadas, escritas ou lidas nas escolas, as histórias são tema de estudo e pesquisa, mas também situação real de comunicação. Elas "acordam", animam e interessam aos ouvintes. Apesar de assustadoras, o jeito de contar, muitas vezes, faz rir. É aquela coisa: na hora assusta, mas depois é até engraçado.

Por que traduzir esse livro, escrito originalmente em tuyuka, para o português?

Muitos textos dos tuyuka estão circulando apenas na língua tuyuka, o que limita seu interesse e uso às regiões onde eles vivem. Publicar alguns materiais em português tem pelo menos dois focos. Primeiro, a divulgação de aspectos da cultura e da aventura histórica deste trabalho da Escola Indígena Tuyuka, de adaptar todo o ensino à língua e gestão próprios, depois de décadas de funcionamento de escolas missionárias ou escolas públicas ao modelo dos brancos, na região. Segundo, a perspectiva de valorizar a cultura tuyuka, revertendo também fundos para a Associação Escola Indígena 2tapinopona Tuyuka, que deverá manter, num futuro próximo, parte das atividades escolares.

Anotações para leitores (no final do livro)

As histórias tuyuka de rir e de assustar têm um humor ou uma visão do temor muito próprios. Todas acontecem num contexto desconhecido das crianças e mesmo de adultos não índios. Por isso o livro oferece esta apresentação e anotações finais que explicam práticas, costumes, detalham informações sobre objetos, ambientes ou aspectos da região.

Munidos destas informações, pais, professores, outros adultos ou crianças maiores podem complementar a leitura das histórias para crianças menores. Por outro lado, independentemente destas informações adicionais, todas as histórias são legíveis e compreensíveis dentro do imaginário fértil das crianças. Portanto, o livro é para todas as idades, mais voltado a crianças leitoras, merecendo uma atenção especial às notas e informações adicionais.

Autoria coletiva

Os escritores desta língua estão registrando histórias transmitidas apenas oralmente, há milênios. Todos conhecem essas histórias. Escutam e recontam, repassando de geração para geração.

Hoje estão escrevendo nas escolas e também fora delas. Os moradores das comunidades costumam produzir pesquisas e literatura escrita de forma coletiva. Reúnem-se alguns dias, discutem os temas e sentam para escrever e ilustrar. Cada um produz uma parte. Depois tudo é reunido e editado conjuntamente.

Por isso as histórias são pensadas como de autoria coletiva. Não existe um autor individual para cada caso contado ou escrito. Em cada história deste livro citamos um escritor, que não é um autor. E citamos o narrador de quem o escritor escutou a história, mas que não é, certamente, o único que sabe contá-la!

Apresentação do livro original na língua tuyuka

Nós da Escola Indígena ʉtapinopona Tuyuka (ʉtapinopona Bueriwi) e comunidades tuyuka do alto rio Tiquié nos sentimos muito entusiasmados ao publicar o nosso terceiro livro na língua Tuyuka: "Kiti wederira tʉohoarira" (Histórias contadas, ouvidas e escritas). É mais um livro de autoria coletiva, produto do esforço de várias pessoas. Os velhos narradores também contribuíram muito nesse trabalho, que faz as crianças e os jovens sentirem orgulho de sua própria língua e cultura.

Este livro visa fortalecer o ensino-aprendizado via tradição oral e cria outro modelo de conhecimento que é a cultura escrita. Sem escrita, sempre vamos ter problemas com a sociedade envolvente. Por isso mesmo este livro vai nos ajudar. Em nossas escolas, ajuda a aprofundar conhecimentos tanto dos mais velhos quanto dos jovens. Dentro e fora da escola, valoriza a leitura e escrita na nossa própria língua.

Este livro mostra nossa força de vontade de construir a escrita nós mesmos, a partir da nossa tradição oral. A ortografia usada na escrita tuyuka é decidida pouco a pouco por nós em reuniões onde a maioria está presente discutindo e chegando a consensos.

Nós, povos indígenas que vivemos na Terra Indígena Alto Rio Negro, demarcada e homologada pelo Governo Federal (1998), precisamos entender e fazer os brancos entenderem a diversidade cultural dos vários povos que habitam essa região.

O livro escrito em tuyuka deve levar a sociedade brasileira a entender uma parte da multiculturalidade de nosso País; e fazer valer a igualdade de direitos linguísticos, através de publicação de literatura e documentos nas várias línguas indígenas do país.

Higino Pimentel Tenório
Coordenador da Escola Indígena ʉtapinopona Tuyuka
Mõpoea, 2002

O povo indígena Tuyuka

Os Tuyuka vivem na região do alto rio Negro, no noroeste da Amazônia brasileira. São aproximadamente 500 pessoas no Brasil e 500 na Colômbia, no alto rio Tiquié e afluentes como igarapé Onça e igarapé Inambu.

Tuyuka é uma palavra de origem tupi que significa barro, cerâmica, e que os colonizadores usaram para nomear esse povo. Entretanto, os Tuyuka não são um povo Tupi, são da família linguística Tukano. Eles mesmos autodenominam-se Filhos da Cobra de Pedra (ʉtãpinopona).

Sobre o porque desse nome. Na origem do mundo, dizem os povos da região, uma Cobra-Canoa carregou em seu ventre a humanidade que estava se formando. Saiu do Lago de Leite (que seria o Oceano Atlântico), subiu o Rio de Leite (Amazonas e Negro) até o rio Uaupés. Ali a humanidade se diferenciou nos vários povos, que seguiram em suas próprias Cobras-Canoa. Os Tuyuka seguiram com a Cobra de Pedra (ʉtãpino).

Cada povo indígena foi ocupando um rio. No movimento de dispersão, todos os povos da região (Tuyuka e seus parentes Tukano, Desana, Wanano, Tariana, e outros) encontraram um local, um território.

Desde a origem da humanidade até hoje, os benzedores purificam o universo e a terra, transformando um mundo de tristeza, morte e sofrimento de todo tipo em universo puro, de leite, agradável como o seio de uma mãe, protegido de todas as maldades da humanidade. Rios de Leite são de água pura, doce como fruta e mel, água de leite como o leite de uma mãe. Essa sabedoria o povo Tuyuka herdou de seus antepassados.

A escola indígena Tuyuka

Educação Escolar no Alto Rio Negro ao longo do século XX

Desde 1920 existem escolas de missionários salesianos na região, que tem um alto índice de alfabetização. No entanto, os missionários adotaram a estratégia oficial (do governo brasileiro) de integração dos índios à sociedade nacional, destruindo suas culturas, proibindo-os de usar as línguas indígenas na escola, proibindo-os de praticar muitos costumes dos antigos.

A partir dos anos 1980 os povos da região se organizaram para remodelar as escolas indígenas, respeitando suas culturas e línguas. A escola de hoje é bem diferente da educação escolar missionária que significou, naquela região, uma história de massacre cultural.

Escola Indígena Tuyuka com participação da comunidade – começo do século XXI

Desde o ano 2000 a Escola Indígena ʉtapinopona Tuyuka vem sendo planejada e organizada por cinco comunidades tuyuka da região do alto rio Tiquié (Yoariwa, Mõpoea, Yaiñiriya e ʉnekumuña, Kanehuya).

Os Tuyuka entendem que a formação das crianças e jovens, na escola ou fora dela, deva enfatizar o fortalecimento da identidade Tuyuka e a consciência sobre os problemas que atingem as comunidades indígenas, consciência sobre a própria história e história dos outros povos, desenvolvimento sustentável, relações das sociedades humanas com o meio ambiente e alternativas para a melhoria da qualidade de vida nas suas comunidades.

Os alunos menores estudam nas comunidades onde moram com seus pais. Os maiores se reúnem para estudar todos juntos. Revezam 15 dias na escola, 15 dias em que voltam para suas comunidades e ajudam os pais nas pescarias, caçadas e cuidados com as roças. Nesse período intermediário também realizam trabalhos de pesquisa e anotam os resultados que, depois, apresentam na volta à escola.

Nas comunidades, os pais também fazem encontros inter-comunitários e grupos de pesquisa para discutir política escolar e lingüística. Fazem revisão curricular e produzem pesquisas que resultam em textos escritos, cartazes, registros fotográficos ou em vídeo.

A Escola implementou em 2001 o ensino de 5ª-6ª séries (chamado de terceiro ciclo). Em 2003 estenderam para o ensino fundamental completo. Agora não precisam mais mandar seus filhos para escolas das missões ou das cidades.

Temas curriculares

Os temas trabalhados na Escola Tuyuka visam a valorização das próprias coisas (modos de ser, viver, conhecimentos, a própria terra e desenvolvimento) e o diálogo entre diferentes culturas; a valorização da cultura e reflexão sobre as mudanças culturais. Valorizar a cultura e registrá-la de várias formas (cultura material, escrita, fitas e vídeos...) não significa apenas querer conservar, mas querer se comunicar.

A Escola que valoriza a própria língua e realidade quer, com isso, comunicar coisas novas, valores novos, afirmar sua diferença para outras sociedades. Comunicando sua força e sua autonomia, estabelece diálogo. Nesse diálogo, busca respeito, troca informações e alcança conhecimentos novos.

Exemplos de temas de estudo e pesquisa:

- Histórias que as crianças gostam de contar e ouvir
- Músicas e danças
- Direitos indígenas
- Legislação socioambiental
- História (do povo tuyuka e de outros povos)
- Técnicas indígenas de construção (matemática tuyuka)
- Manejo de sistemas agroflorestais
- Brincadeiras e brinquedos
- Pintura do corpo e outras superfícies
- Biodiversidade ou diversidade dos seres
- Ambiente e sociedade
- Línguas indígenas e portuguesa
- Saúde e doenças
- Português como segunda língua

Oralidade e escrita

Muitos "textos" da tradição oral estão sendo escritos na língua tuyuka pela primeira vez.

Os Tuyuka pensam: - Será que a produção de "textos escritos" é sempre necessária?

Quando decidem que o registro escrito é importante, é porque estará dando mais vida à língua tuyuka, circulando de forma complementar à fala.

Nas escolas, buscam um equilíbrio entre atividades que valorizem a oralidade e atividades que valorizem a escrita.

Estão pesquisando como proceder na escrita de diferentes "textos" falados.

A escola não precisa ter sempre postura tradicionalista, pode "reinventar suas tradições", de diferentes formas. Já fizeram criações e invenções de novas letras de cantos, a partir de melodias "tradicionais" do repertório de flautas de pan. Estas criações novas também fortalecem a língua tuyuka, que ganha novos usos. Algumas contribuem para valorizar e revitalizar as formas tradicionais (o toque do cariço, o relato mítico e toda a tradição oral).

Gestão escolar: agilidade e animação

Uma orientação importante da escola é a de que, quando decisões forem tomadas, que comecem a ser aplicadas imediatamente.

As decisões mais importantes tomadas nos últimos anos incluem: alfabetizar em tuyuka; trabalhar com um currículo temático (*nirõmakañe buere*), associado diretamente ao ensino via pesquisa (*saiña masirẽ*); adotar a língua tuyuka como única língua de instrução até a 4ª série (final do segundo ciclo) e como língua de instrução predominante nos 3º e 4º ciclos; ensinar por ciclos e não por séries; ensino na escola até 8ª série (3º e 4º ciclos); realizar alfabetização matemática e ensino da matemática tuyuka na própria língua.

É possível perceber como esse modelo é diferente das escolas que conhecemos.

Os governos não assimilam isso com a facilidade e a rapidez desejadas e por isso os Tuyuka buscam apoio não-governamental para manter e colocar em ação seus projetos de trabalho: capacitação de professores para prática de pesquisa e produção de materiais didáticos; construção de currículo e projeto político pedagógico com participação comunitária; desenvolvimento das atividades produtivas da escola e das comunidades através de sistemas agro-florestais; adoção das técnicas produtivas como tema de pesquisa, onde professor e o aluno registram os conhecimentos técnicos da sociedade envolvente e conhecimentos tradicionais, conciliando os dois conhecimentos que são vitais para auto sustentabilidade econômica do povo.

Parcerias

Desde 1999, a Escola Indígena Utapinopona-Tuyuka conta com o apoio da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), do ISA (Instituto Socioambiental) e da RFN (Fundação Mata Virgem ou Rainforest Foundation da Noruega), parceiros no Projeto Educação Indígena no Rio Negro.

Uma equipe do Instituto Socioambiental vem acompanhado as comunidades e lideranças Tuyuka, desde a formulação do projeto Educação Indígena no Alto Rio Negro no final dos anos 90 (parceria FOIRN / ISA / Associações de escolas locais) até a implantação e acompanhamento antropológico e pedagógico da escola, professores, períodos letivos e oficinas de formação continuada nas comunidades do alto Rio Tiquié. Outra atividade importante desta equipe é o acompanhamento das políticas públicas para educação escolar indígena, nos âmbitos municipal, estadual e federal, procurando participar e intervir em prol da auto-gestão pedagógica e financeira destas escolas pelas próprias associações ou organizações indígenas, da melhoria da qualidade de vida e do ensino nas escolas indígenas.

Hoje, Associação e Conselho Escolares preocupam-se em buscar alternativas para a continuidade do processo de formação implantado, que vem permitindo realizar três oficinas pedagógicas e longas etapas de acompanhamento a professores por ano, há quatro anos. Os Tuyuka pretendem firmar novas parcerias, fortalecendo sua autonomia escolar e das comunidades através de práticas e empreendimentos para o desenvolvimento indígena sustentável, diálogo intercultural e valorização cultural.

Flora Cabalzar
Assessoria antropológica Projeto Educação Indígena no Rio Negro
São Paulo, 2004

índice

1	A cobra que agarrou a anta	17
2	História da pescaria noturna facheando com lanterna	18
3	História dos cheiradores de rapé	19
4	História de caçador	20
5	História do Espírito da Mata que raptou um menino chorão	22
6	A comida dos Espíritos da Mata	22
7	História de duas mulheres, sócias do mesmo marido	24
8	História da Areia-gulosa que engoliu o caçador	26
9	História do homem que queria comer larva de borboleta de dois tipos	28
10	História do jabuti, da menina e da anta	30
11	História que meu pai me contou	32
12	História do caçador de anta que morreu de espanto	33
13	História do jovem que bateu na criança (mas foi sem querer)	33
14	História da mulher esfomeada que dançou com a onça	34
15	História do pescador e do Espírito da Mata Camarada	36

16 Meninos fumantes 38

17 História da mucura 38

18 História da pescaria com cupim 39

19 História de pescador em noite sem luar 40

20 História das manivaras gigantes 41

21 História do homem que disputou com o Espírito da Mata 42

22 Briga de macaco com traíra 43

23 História do pescador que passa dias no acampamento do mato 44

24 História que aconteceu com Guiré na roça 45

25 História do Deus Preguiçoso que quase cegou a Ariranha 46

26 História do trabalho no piaçabal 46

27 História da família grande 47

28 História do homem curioso e o Espírito da Mata 48

29 História dos macacos (tudo o que o caçador viu) 49

30 Outra história de caçador e Espírito da Mata 50

31 História de pescador **51**

32 História de caçador **52**

33 O caranguejo e o primo do caranguejo **53**

34 História do Espírito-de-Rã **54**

35 História de um velho e bom caçador de anta **54**

36 História do cachorro mergulhador **55**

37 Papo entre o verme e o bicho-de-ingá **56**

38 História da cutiaia branca, do mundo depois da morte **56**

39 História do pescador e da onça **57**

40 História dos queimadores de saúva-da-noite **58**

41 Briga de calango com surucucu **59**

42 História de um velho caçador **60**

43 História do pacote de peixe **61**

1 A cobra que agarrou a anta (caso de pescador)

O escritor dessa história, Raimundo, disse que ela aconteceu mesmo, logo na boca do rio Komeña.

Um homem estava pescando no rio.

De repente uma anta passou nadando na frente da canoa.

– Vou matar essa anta boba! – o pescador pensou.

Nesse momento apareceu uma cobra no meio do rio. Ela agarrou e puxou a anta pro fundo da água.

– **Kabuaaa...** – fez um barulhão.

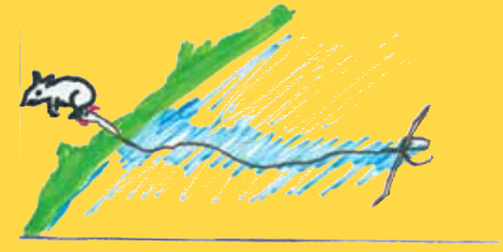
O pescador ficou só olhando. Primeiro, viu a cobra puxar a anta, sem largar. Um pouco depois, viu a anta boiar na beira e sair da água, andando e puxando a cobra.

A anta puxou tanto que a cobra esticoou... esticooou... ficou finiiiinha, como linha de costura... até que arrebentou!!

O rabo da cobra ficou dentro da água.

A cabeça, a anta carregou.

Assim termina a história da cobra que agarrou a anta.



2 História da pescaria noturna facheando com lanterna

Agostinho Lopes (apelido Agu) contou essa história pro Dário (Wamɨro), que a escreveu. Agu disse que ela aconteceu lá no Okoñiriya (rio Papuri).

Certa noite, um pescador saiu de canoa. Levou remo, zagaia e lanterna para focar os peixes. Depois de uma volta subindo pelas curvas do rio, começou a pescar. Facheou um tempo e pegou alguns peixes.

Ele já estava desanimado, porque tinha pouco peixe. De repente, viu um tucunaré enorme! De impulso, zagaiou o peixe com toda força.

– **Taha!!!** – a zagaia zoou alto! Não era um peixe, mas uma pedra colorida camuflada.

Furioso, jogou a zagaia na canoa e foi embora.

Mais adiante focou outro peixe.

– Dessa vez não vou dar zagaiada à toa! – falou.

Na dúvida, enfiou a zagaia devagarinho, tão macio que o peixe foi embora!

Dessa vez ele perdeu um tucunaré de verdade!

3 História dos cheiradores de rapé

Essa história foi escrita por Buyaga (Feliciano Barbosa). Ele escutou o avô dele, que se chamava Suniã (Pedro Barbosa), contar.

Nós, do povo Tuyuka, temos a tradição de plantar tabaco para fumar cigarro ou cheirar o pó de rapé, bem preparado e refinado. Costumamos cheirar durante as festas, para abrir a cabeça: ganhar concentração, memória e inteligência para relembrar a origem de nosso povo.

A ilustração mostra como fazemos.

Preparamos um instrumento em forma de "V" com ossos ocos de animais para soprar rapé no próprio nariz. No desenho, um parente sopra o rapé de um lado, com pressão, no nariz do outro.

4 História de caçador

Porõ (Carlos Marques Meira) escreveu essa história. A mãe dele contou pra ele, alertando que isso tudo sempre acontece àqueles que não fazem roça.

Certa vez, um homem saiu para caçar. No meio do mato, onde vivem muitos animais, encontrou um bando de macacos de rabo curto. Atirou e acertou em dois.

– Já está bom, vou voltar – disse.

Cortando caminho de volta, passou próximo a uma roça, viu fumaça e foi espiar.

– Que roça é essa aqui no mato? – perguntou. Escondido, chegou perto e viu uma mulher trabalhando, arrancando mandioca com um fogo aceso.

De volta em casa, contou para a esposa o que viu. Pediu a ela que moqueasse os macacos para a dona da roça. Em troca, que trouxesse mandioca para comerem, pois estava faltando em casa.

Ao amanhecer a esposa pegou o filhinho, a rede, a carne moqueada e seguiu para aquela roça.

– A senhora está colhendo mandioca? – perguntou chegando lá.

– Estou sim! – respondeu a dona da roça.

– Eu lhe trouxe este presente! – e entregou os macacos moqueados.

A dona da roça, imaginem, chorou ao receber o presente.

– Você maltratou meu parente! – disse.

No instante em que ela disse isso, os macacos saíram vivinhos, pulando e falando (do jeito deles). Os macacos e os Espíritos da Mata são aparentados.

Logo depois a dona da roça convidou a moça para ir à casa dela, onde ofereceu um prato de mochiva gordurosa moqueada, prato contra-indicado para moças menstruadas. Em seguida, mostrou o lugar para ela atar a rede do filho. Mandou-a ralar mandioca enquanto a criança dormia. E amarrar no punho da rede um chocalhozinho.

– **Kiri kiri kiri kiri** – zoava.

Na boca da tarde, chegou o marido, Espírito da Mata.

Enquanto o casal conversava escondido, a moça pensava: – Será que eu vou escapar dessa? Preciso fugir escondida!

Ao anoitecer, o casal dormiu.

A moça não parava de pensar. De madrugada tomou coragem. Fez um fogo bem grande para o casal se aquecer e dormir profundamente.

Enquanto dormiam, ela desatou a rede do bebê, arrumou tudo silenciosamente e saiu.

Mas, logo que ela saiu, o marido percebeu. Acendeu fogo de palha de patauá para iluminar sua corrida atrás da moça. Quase chegando perto dela, o fogo dele apagou e ele teve que voltar em casa para acendê-lo de novo. Correu outra vez tentando alcançá-la, mas aconteceu o mesmo, o fogo apagou.

Assim a moça foi se afastando deles e aproximando-se de casa. Ao encontrar o marido, ralhou muito com ele, dizendo que ele era preguiçoso, que nunca derrubava roça para ela plantar.

– Por isso estou passando assim. Ao invés de fazer roça, você me manda arrancar mandioca na roça dos outros. Aquela roça não era de gente, mas de Espíritos da Mata!

Aqui termina essa história.

5 História do Espírito da Mata que raptou um menino chorão

Utãdiata (João Bosco Rezende) escreveu essa história.

Viveu, muito antigamente, um menino que chorava sem parar. O pai sempre perdia a paciência e o deixava dormindo fora de casa.

Certa noite, o menino estava em pé do lado de fora, chorando. De repente, chegou por trás dele um Espírito da Mata. O monstro agarrou o menino e fugiu correndo, carregando-o pelas pernas (de perna para cima e cabeça para baixo).

– **Tu tu tu** – zoava o monstro, soltando pum no nariz do menino.

Os parentes do menino ficaram muito tristes. Começaram uma busca pelos buracos ocos da floresta, casas dos Espíritos da Mata. Em cada buraco fumaçaram pimenta.

Zonzos com tanta fumaça, de olhos e nariz ardendo, os Espíritos da Mata saíram dos buracos: primeiro as crianças, depois os pais delas, adultos e velhos que já tinham comido muita gente na vida. Todos morreram intoxicados com a fumaça de pimenta.

Foi assim que, muito antigamente, os humanos exterminaram os malvados Espíritos da Mata. Aqui termina a história.

6 A comida dos Espíritos da Mata

Porõ (João Teles Meira) escreveu essa história bonita, que escutou a mãe dele, Teodora, contar.

Certa vez, todo o pessoal de uma comunidade foi a uma festa em outra comunidade. Ficou só uma mãe com seus filhinhos. À noite, quando ela fechou a porta da maloca, o Espírito da Mata já estava lá dentro. Tinha entrado ao meio-dia!

No escuro da noite ele saiu do esconderijo e tirou a mulher para dançar. Dançaram sem parar. Depois da meia-noite, quando ela já não tinha mais forças, ele a jogou dentro de um aturá, um tipo de cesto.

Estava pronto para fugir, mas os meninos, que estavam trepados no travessão, ficaram um tempão tentando agarrar o aturá com um gancho. Já estava quase amanhecendo quando o Espírito da Mata conseguiu fugir levando o aturá, reclamando que a mulher era pesada!

Os meninos correram atrás. Viram-no andar longe, parar numa clareira para conversar com um parente e, depois, entrar num oco de árvore caída, que era casa dele.

Assim os meninos perderam a mãe deles.

– Cadê sua mãe? – perguntou o pai no dia seguinte, ao voltar da festa.

– Foi raptada e comida pelo Espírito da Mata – respondeu um filho.

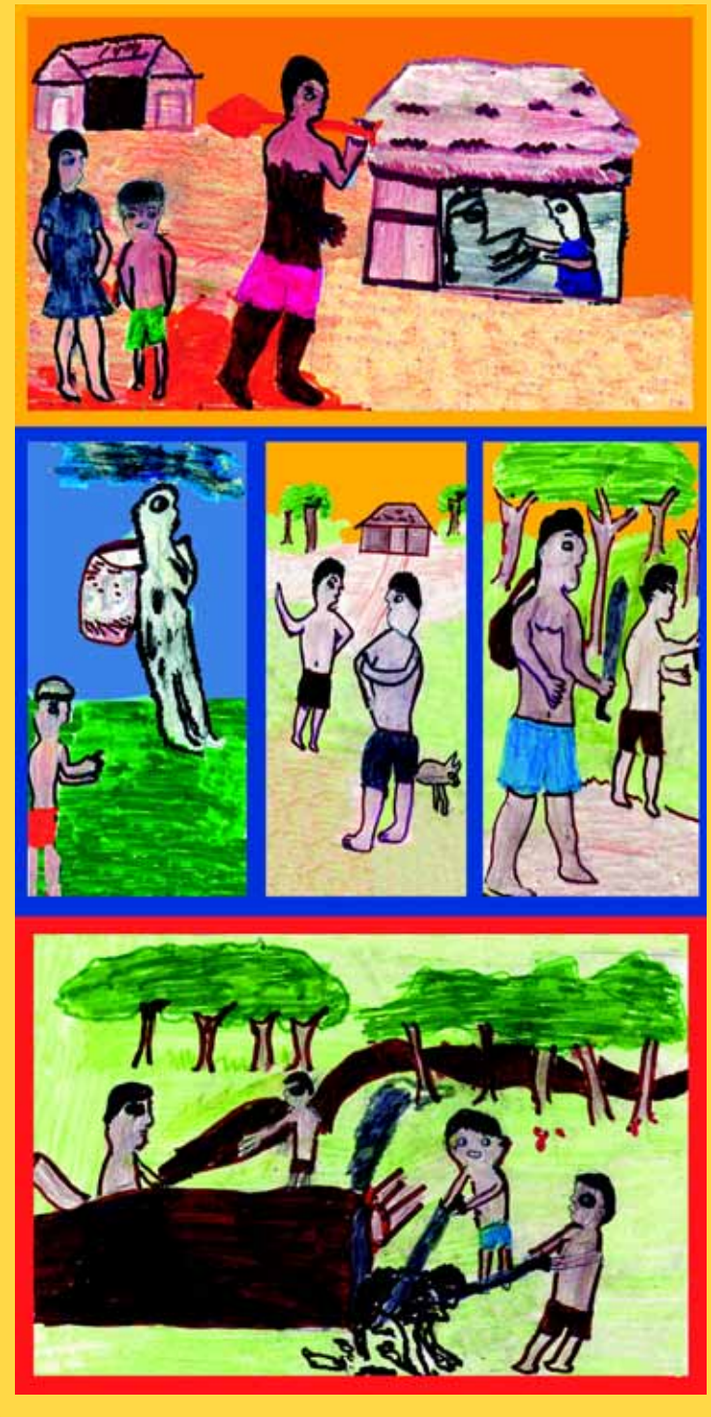
O pai não gostou nada. Pegou um saco de pimenta e foi com os filhos fumaçar a casa dos Espíritos da Mata. Lá, racharam lenha e começaram a fazer fogo com pimenta.

– **Oho, oho, oho** – tossiam. Eles estavam morrendo intoxicados. Os que conseguiam sair levavam pauladas. O último foi o velho que tinha raptado a mãe deles.

Alguns Espíritos da Mata, que tinham saído mais cedo pra caçar, conseguiram escapar.

Foi assim que alguns sobreviveram.

Aqui termina essa história.



7 História de duas mulheres, sócias do mesmo marido (uma era humana, a outra era Espírito da Mata)

Dia (Dulce Barreto Tenório) é uma jovem tuyuka. Ela escreveu essa história que sempre ouviu os mais velhos contarem. Quem conta a história imita com gestos essa fuga da sócia manquitola, Espírito da Mata com seu cajado–cobra (wati pikano), provocando risos.

Uma mulher Espírito da Mata chegou à casa da sócia enquanto ela cozinhava frutas de sorva colhidas no mato.

– Tu estás aí? – perguntou.

– Estou sim – respondeu a mulher, convidando a outra para sentar. Isso foi logo depois que o marido dessa mulher tinha descido para o porto e saído para pescar.

– Ai, ai, ai, como eu vou fazer? Essa Espírito da Mata vai me matar! Mas eu já sei como escapar! – começou a pensar a mulher.

Ela tinha três filhos.

– Filho, vai pegar pimenta lá em cima, no jirau da casa – pediu ao mais velho. Ele subiu.

– Não está aqui – disse pra mãe.

Ela mandou o segundo filho, que também não encontrou nada.

– Puxa, eu tinha deixado aí mesmo – ela disse.

Até que o último subiu e falou a mesma coisa.

– Deixa eu mesma ver! – disse e subiu ela mesma.

– Uuuuuuuu – gritou pelo marido lá de cima, avisando que a sócia estava querendo matá–la.

– Uuuuuuu – ele entendeu e respondeu. Com toda pressa, jogou a vara de pesca na canoa, encostou no porto e subiu correndo pra casa.

No caminho a Espírito da Mata apareceu na frente dele.

– Eu ia te matar, derramar água quente em ti – avisou assustando-o.

Dizendo isso, pegou seu cajado, que era uma cobra viva, e fugiu manca e desajeitada.

– **Nur9! Nur9! Nur9!** – zoava a cobra-cajado da Espírito de Mata.

O marido continuou correndo pra casa, disparado e assustado.

Aqui termina a história.

8 História da Areia-gulosa que engoliu o caçador

Utarõ (Santiago Marques Meira), o Tuyuka que escreveu essa história, disse que quem contou pra ele foi um Tukano do grupo Batitorora chamado Henrique Castro.

Um dia dois amigos saíram para caçar no mato.

– Tu vais nessa direção, eu vou por lá – decidiram.

Foram separados e combinaram onde se encontrar na volta.

Já estava longe, quando um escutou a zoada do tiro de espingarda do outro.

O colega dele tinha matado um porco-do-mato e ele resolveu voltar. Foi andando no rumo em que a espingarda tinha zoado.

– Uuuuuuu! – ia chamando.

– Uuuuuuuu! – respondia o colega.

Assim eles foram se aproximando, um escutando a voz do outro.

Mas, quando ele alcançou o colega, o que viu?

A Areia-gulosa tinha engolido metade do corpo dele! Ele já ia ajudar a puxá-lo.

– Deixa assim mesmo, me deixa em paz, estou passando mal, se pegares em mim iremos juntos! – o colega disse.

Acabando de dizer isso, foi engolido inteirinho.

Assim acabou a vida dele.

Depois disso, o outro seguiu triste e sozinho.

Andando mais um pouco, encontrou o porco-do-mato morto e, ao lado dele, a espingarda do colega. Foi entregar tudo ao pai dele.

– Aconteceu assim com teu filho – disse.

– Será que tu não matastes meu filho? – o pai desconfiou.

– Eu não matei não, vem tu mesmo ver.

Os dois foram ver a Areia-gulosa.

– Foi ela que engoliu teu filho quando ele passou!

Aqui termina mais essa história de caçador.

9 História do homem que queria comer larva de borboleta de dois tipos (*aseroã e ñaperihiña*)

Suniã contou essa história para Paulino, que contou para João Meira, que a escreveu aqui.

Certo dia um homem estava deitado na rede.

– Estou com vontade de comer larva de borboleta *aseroã* – pensou.

– Nem pensar! Se tu fores, vais apanhar desse bicho! – comentou o amigo dele.

– Eu nunca apanhei desse tipo de bicho. Sempre coleto, tiro o bucho, trago, cozinho e como. Estou acostumado! – ele retrucou, sem acreditar no amigo.

– Então vai, pega, traz, cozinha e come!

Ele foi. Chegando lá onde tem muito *aserõa*, subiu na árvore para pegá-los. Só que aqueles bichos estavam maiores do que ele costumava ver. Quando chegou bem pertinho, um deles deu uma bela cacetada na testa dele. O homem caiu e voltou pra casa derrotado.

– E aí? Pegastes *aseroã*? – perguntou o amigo, na volta dele.

– Nem me pergunta! Eu passei um mau bocado, eles me acertaram! – contou.

– Você duvidou e apanhou feio! – disse o amigo.

Num outro dia, de novo, ele estava deitado na rede.

– Estou com vontade de comer assado de larva de borboleta *ñaperihiña*! – pensou.

– Nem pensa em fazer essa besteira! Cuidado, esse bicho vai ralar teu corpo todo! – avisaram.

– Que nada! Esse bicho nunca me ralou. Eu sempre pego, embrulho na folha, trago, asso no fogo e como! – ele resmungou.

– Então vai, pega, embrulha na folha, assa no fogo e come! Faz como quiser!

Ele foi, chegou no lugar onde tinha esse tipo de bicho e começou a recolhê-los. Os *ñaperihiña* não deixaram por menos. Derrubaram-no, ralaram seu corpo e cortaram o cabelo dele todinho.

– E aí? Conseguistes? – perguntaram os amigos quando ele voltou.

– Nem me perguntem, os malvados acabaram comigo! – falou o homem. Ele estava todo careca, com o corpo inteiro ralado!

Aqui termina a história.

10 História do jabuti, da menina e da anta

Essa história foi escrita por Ñorõ (nome tuyuka), também conhecido por Rafael Lima Rojas (nome dos brancos). Ele escutou a mãe contar lá na comunidade onde mora, Pupunha, na Colômbia.

Era uma vez uma menina que teve sua primeira menstruação. Nesses dias não foi trabalhar na roça.

Ela tinha um jabutizinho de estimação que era companheiro no trabalho da roça. Ia e voltava com ela.

Na segunda menstruação, ela não fez resguardo e foi trabalhar na roça. Dessa vez o jabuti ficou em casa. Na roça, uma anta pegou a menina, matou e levou pra comer.

O jabuti ficou esperando em casa. Como ela não voltava, ele decidiu sair para procurá-la no local de trabalho.

Lá chegando, viu sinais da menina e rastros da anta.

Uma anta-do-mato enorme tinha levado sua dona.

Perseguindo as pegadas da anta, o jabuti chegou num igarapé.

Atravessou-o e seguiu até uma grande serra de pedra. Lá no alto estava a anta deitada, dormindo satisfeita (ela tinha comido a menina).

– Ele comeu minha 'dona' – falou.

– Como eu vou fazer para matar esse bicho? Vou morder bem no testículo dessa anta. Não vou largar nunca mais, até ela morrer – pensou o jabuti.

Primeiro mordeu devagarinho. A anta nem acordou!

– É melhor eu morder com mais força – pensou. E mordeu de novo (todos sabemos que jabuti, quando morde, não larga mais).

A anta acordou com a maior dor! Tentou se safar de todo jeito, mas o jabuti não largou até ela morrer. Então o jabuti voltou para casa.

Já em casa, tentando avisar aos parentes da moça, fez uma porção de sinais: balançava o pescoço, saía e entrava, saía e entrava.

– Parece que esse jabutizinho encontrou algo para comer (uma caça) – o pessoal desconfiou animado. Mas ele só estava querendo chamar os parentes, para mostrar onde a anta tinha matado a menina deles.

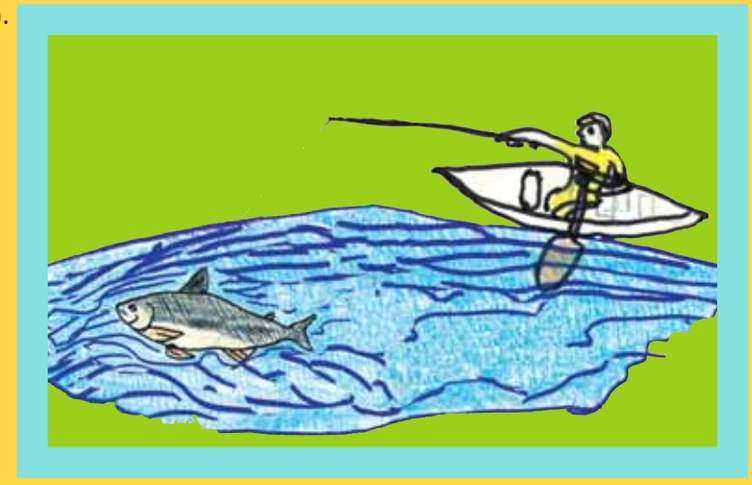
Logo, todos pegaram seus terçados e foram atrás do jabuti, interessados em carregar a carne da caça. Lá chegando, viram a anta deitada no meio das pedras. Acabaram com ela. E descobriram o fim da menina.

Esta é a história do jabuti, da menina e da anta.

É uma história dos Tuyuka.

11 História que meu pai me contou

História escrita por Giré Porõ. Ele escutou do pai dele Bua (Erenadu).



Certo dia dois primos saíram para pescar.

Cada qual em uma canoa, foram descendo o rio.

Com o tempo, foram se afastando um do outro.

Demorado...

– Zuuuuuu – um deles escutou zunindo. Ficou admirado e assustado.

– Zuuuuuu – zoou outra vez. Ele já estava preocupado, pensando que era onça.

– Zuuuuuuuu – zoou de novo. Realmente com medo, ele pulou na água.

Mergulhou e foi boiar pertinho do primo dele.

– Ei, o que está acontecendo contigo? – perguntou o primo.

– Eu ouvi uma onça brava, escutei a voz dela!

– Tá bom, vamos ver onde ela está – e foram bem devagar até aquele local. Ficaram procurando.

– Foi bem aqui! – ele achou.

Na verdade, ali não tinha onça alguma. Só um pequeno beija-flor 'roncando' no ninho.

Aqui termina a história, que depois foi contada e recontada, fazendo muita gente se assustar e depois, rir.

12 História do caçador de anta que morreu de espanto

História escrita por Porõ (Guiré).

Certo dia, um homem tuyuka convidou o irmão mais velho para caçar.

– Irmão maior, vamos matar anta? Estou cansado de passar fome – chegou dizendo, e seguiram subindo a serra até o bebedor.

Andaram bem devagar, procurando e... lá estava a anta bebendo água!

– Atira já, irmão menor! – falou o maior.

– Tá bom, irmão maior! – respondeu o menor. Acabando de dizer, atirou.

– **Tohouuuu!!!** – a anta caiu no chão.

– **Agu! Agu!** Tá bom, vocês me mataram! – falou a anta, já caída no chão.

Vendo a anta falar, os caçadores morreram de espanto. Para dizer a verdade, quando uma anta fala como gente, é mau agouro, sinal de morte pro caçador.

13 História do jovem que bateu na criança (mas foi sem querer)

Ernesto Ramos contou essa história para o João Paulo escrever. É um caso acontecido não faz muito tempo, em Pikorõaburo, comunidade onde eles moram.

Uma turma estava trabalhando em mutirão, roçando e fazendo limpeza de capim e erva-daninha no pátio da comunidade. Algumas crianças estavam num canto brincando.

– Pa pa pa pa! – batiam as mãos no chão.

Um jovem aproximou-se, pegou uma vareta e começou a imitar a brincadeira de bater.

– Pa pa pa pa pa paaaaa!!! – acertou bem no testículo de uma criança, que não parou mais de chorar.

– Bateu! Bateu! Bem no ovo da criança! – o pessoal gozou.

Ele ficou com a maior vergonha da turma da comunidade.

14 História da mulher esfomeada que dançou com a onça

Essa história foi contada numa reunião por Ernesto Ramos. Depois dele contar, foram escritas várias versões, por Frâncio Lima Barbosa, João Teles Meira, Sume Barreto Tenório, João Batista Marques Meira.

Um homem, sua mulher e uma criancinha de colo estavam em casa.

– Fica aqui com nosso filhinho, eu vou caçar pra gente comer – o marido falou para a esposa. A arma dele era zarabatana com veneno.

Depois que ele saiu, a mulher foi pra roça trabalhar. Na volta tomou banho, ralou mandioca, lavou a maniquera e ficou esperando.

– Filho, tu já estás com fome e eu também, então vamos pegar calango para comer – falou, já cansada de esperar pelo marido.

Os dois foram até uma clareira arenosa e sem árvores.

Ali ela ajeitou o filhinho sentado e foi procurar buraco de calango.

Nessa hora uma onça se aproximou, enfiou a garra na palma da mão dela e começou a dançar.

– *Eia ri waia tuie tuie... Eia ri waia tuie tuie...* – cantava a onça, dançando agarrada com a moça.

Quando o marido voltou, viu a onça dançando com a esposa.

– Psssiuuuuu – ele chamou.

Era um sinal para a esposa girar a onça de costas para ele.

Ela percebeu e se escondeu atrás da onça.

– **Agu!** Uma mutuca está me ferrando bem nas costas! – falou a onça, assim que ele soprou a flecha de veneno. E deu um tapão, enfiando ainda mais o veneno! Morreu um pouco depois.

Foi sorte da mulher, pois a onça queria comê-la quando ela se cansasse de dançar.

Assim terminou a história da onça e dessa mulher que não esperou o marido voltar da caçaria.

15 História do pescador e do Espírito da Mata Camarada

Décia Prado Marques escreveu essa história.

O sogro da Décia, Joanico, contou pro marido dela (Higino Meira), que contou pra ela.

Um dia um homem saiu pra pescaria.

Caminhou longe pela mata, até um igarapé muito piscoso onde acampou. Lá fez uma casinha tipo tapiri e saiu a procurar talas de paxiúba para fazer um matapi, que é uma armadilha de pesca. Terminando de fazer, foi colocá-lo no igarapé.

De volta ao acampamento, montou um jirau para moquear os peixes.

No começo da noite voltou no igarapé para dar uma olhada. As armadilhas estavam cheias de peixe de todo tipo: aracus, sarapós, acarás, jejus, tamoatás, traíras, jandiás, pacus, peixes-cachorro, que ele trouxe e colocou no jirau para moquear.

Depois de tudo ajeitado, deitou-se na rede e ficou pensando.

De repente escutou uma batida.

– **Ko ouu!**

– O que será que está batendo? – pensou.

Logo escutou novamente, muito longe.

– **Kooo oouuuuuu!**

– Será que vai zoar de novo? – pensou. Enquanto pensava a coisa já estava batendo bem perto dele: – **Ko ooooouuuu!**

Claro que ele perdeu o sono.

Um Espírito da Mata pequenino chegou e se sentou perto do fogo do moquém. Ali ele ficou, esquentando mãos e pés.

O homem percebeu que ele não parava de olhar pro jirau de peixes.

Sem medo, foi pegar um peixe cru da armadilha para oferecer.

Mas o Espírito da Mata não aceitou, nem respondeu.

– Humanos não comem cru, mas ele... – pensou.

– Acho que ele come peixe moqueado – ofereceu e ele aceitou.

– Esse tipo de Espírito da Mata não é tão mau assim – pensou.

Ao amanhecer, depois de passar a noite ao pé do fogo, o Espírito da Mata Camarada decidiu ir embora.

– Já vou indo – disse. Antes, deu um conselho.

– Evita caminhar mais dentro da mata, para além das zoadas na sapopemba. Lá vive um Espírito da Mata Perigoso que, aquele sim, vai te comer – avisou.

Dito isso, foi-se embora.

Aqui termina a história desse pescador de sorte.

16 Meninos fumantes

Guiré escreveu essa história. O velho Pasiku que contou pra ele.

Certa vez, dois meninos que gostavam de fumar roubaram o pacotinho de fumo do avô deles.

Afanaram e fugiram correndo até um esconderijo dentro do mato.

Quando abriram o pacotinho, o que viram?

Não era pacote de fumo. Era um pacote de isca de peixe. Gafanhotos para a pescaria de pacu do avô deles.

Aqui termina essa história.

17 História da mucura

Guiré escreveu essa história.

Um dia a mucura estava morrendo de fome.

– O que será que eu vou comer? – pensou no finzinho da tarde.

À noite, sentada no alto da árvore descansando, ela escutou o canto de um jacamim.

– Vou buscar esse bicho pro jantar – falou e foi pro chão, tatear entre os arbustos. Foi mexendo, mexendo, até agarrá-lo.

– Tem um nó, mas não tem par... – observou.

– Isso daqui é cana de arumã, não são pernas de jacamim... – concluiu e soltou!

O jacamim é uma ave que costuma descansar em pé com uma perna só. Assim ele escapa da mucura, que sempre se engana com isso.

Aqui termina a história.

18 História da pescaria com cupim

O Ernesto Barbosa Ramos contou essa história. O filho dele, Bua (José Maria), escreveu. Dizem que essa história aconteceu não faz muito tempo, lá no Onça igarapé (Yaiñiriya).

Um dia, um jovem e um velho pescador saíram pelo rio.

Primeiro baixaram o rio, prendendo cupim nos galhos da beira, bem no espelho d'água. Depois subiram de volta, vendo se os peixes estavam comendo a isca de cupim.

– Avisa se eles estiverem comendo – falou o velho, que ia na proa com o puçá.

– Tá bom – respondeu o jovem, que ia na popa.

E subiu, remando devagar.

– Os peixes estão comendo a isca... – o jovem avisou baixinho, para não espantar os peixes.

Só que o velho não escutou.

– Os peixes estão comendo a isca !! – falou um pouco mais alto.

O velho não escutou.

– Os peixes estão comendo a isca! – repetiu meio irritado.

– O que? – perguntou o velho que, finalmente, escutou alguma coisa.

– Os peixes estão comendo a isca!!! – gritou de verdade o jovem.

19 História de pescador em noite sem luar

História escrita por Porõ (Carlos M. Meira), contada por sua mãe Duigo (Inácia).

Certa noite sem Lua (era morte do luar) um homem saiu para pescar jandiá.

Durante a pescaria, ouviu um canto engraçado do Espírito da Mata:

– *Quem é a moça mais magricela, quem é moça mais sem barriga?*

– *Eu sou desse jeito a mais magricela, eu sou desse jeito a mais sem barriga.*

Chegando em casa, o pescador contou para a esposa que tinha escutado aviso de morte, um canto de mau agouro do Espírito da Mata. Ensinou esse canto do Espírito da Mata para a esposa.

Vindo da boca do Espirito da Mata, deu medo. Mas o susto já passou. Até hoje os Tuyuka cantam assim e acham muita graça.

20 História das manivaras gigantes

A mãe de Joanico Meira contou essa história pra ele. Joanico contou pro filho, Higino Meira. Higino contou pra esposa Décia Prado Marques, que escreveu e ilustrou a história.

Certa vez uma mulher saiu, levando seu filho de colo para comer formiga manivara. Cortou uma vara para ir enfiando nos buracos dos formigueiros à procura delas.

Encontrando um buraco, cavou e viu. Tinha mesmo muita formiga.

– Espera aqui filho, vou logo ali procurar arumã para tirar formiga – disse pra criança que ainda estava aprendendo a andar.

Colocou-a sentada pertinho do buraco.

Logo que a mãe saiu, as formigas atacaram. Levaram a criança para dentro do buraco e comeram-na todinha.

Sem demora a mãe chegou, mas estava tudo acabado.

– Bem que tinham me avisado – disse a mãe chorando – que essas manivaras eram gigantes. Eu não quis escutar... Contaram que elas roíam todas as talinhas de arumã. Que eram tão grandes que eu teria que matá-las com pauladas...

Essa mulher passou tão mal assim porque não quis escutar conselho dos amigos.

Aqui termina a história.

21 História do homem que disputou com o Espírito da Mata

História escrita por João Paulo Tenório. Ilustrada por Afonso Amaral.

Era uma vez um menino e um Espírito da Mata.

Depois de muita chuva, o rio estava enchendo e o menino chegou no buraco de formiga manivara. Só que o Espírito da Mata já estava lá. Tinha chegado primeiro.

Os dois disputaram o buraco no muque. Na briga, o menino levou a pior, foi atirado no chão e largado ali mesmo pelo Espírito da Mata.

– Aquele monstro acabou comigo! – disse, quando voltou a si.

Apesar da fraqueza, precisava se vingar. Para ficar mais forte, passou a tomar banho meia noite, de madrugada, de dia. E testava sua força atirando pedras no chão. Quando via que ainda estava fraco, continuava a tomar banhos e a praticar tiro de pedras.

Muito tempo depois, testou de novo. Sentiu-se forte, fortíssimo.

– Que bom, agora vou me vingar! – pensou.

Seguiu para o buraco de manivara e o Espírito da Mata, que sempre chegava primeiro, já estava lá. Eles brigaram outra vez.

O Espírito da Mata bateu no menino, mas ele se aprumou.

– Agora é minha vez! – revidou atirando o Espírito da Mata esborrachado no chão. Voltou pra casa vingado.

Aqui termina a história.

22 Briga de macaco com traíra

Gustavo Barbosa escreveu e ilustrou essa história, que lhe foi contada por Francisco Sampaio.

Certo dia um homem foi cagar no mato perto de um lago.

Enquanto fazia cocô, viu um macaco que vinha descendo para ver o lago.

– O que será que esse macaco vai fazer? – o homem ficou observando.

– **Wabu, wabu, wabu** – o macaco começou a mexer na água. Uma traíra aproximou-se enquanto ele brincava, mordeu a mão dele e não soltava mais.

– **Agu agu agu!** – o macaco gritou de tanta dor.

De repente a traíra soltou e caiu na água. O macaco foi embora furioso.

Voltou depois de uma hora trazendo timbó para envenenar as águas do lago. Queria se vingar daquela traíra. Jogou timbó e foi embora.

O homem viu tudo e foi para casa. No dia seguinte voltou.

Viu muita traíra morta boiando no lago.

– Esse macaco sabe tinguijar de verdade! – confirmou.

Aqui termina a história.

23 História do pescador que passa dias no acampamento do mato

Essa história foi escrita em Tuyuka por Sudigɨ (Eduardo Lima Barbosa), que é da etnia Makuna. Quem contou pra ele foi José Barbosa Pinheiro.

Certo dia, um homem foi pescar muito longe. Perto de um igarapé no meio do mato, preparou acampamento. Montou uma casinha para ele.

– Uuuuuuuuu, estou precisando de um cozinheiro! – começou a chamar ao léu.

– Uuuuuuuu – alguém respondeu. Mas não era pessoa, era Espírito da Mata.

Depois disso o pescador saiu, foi colocar anzóis para iscar os peixes.

Ao anoitecer foi tirar os anzóis e tinha muito peixe. Voltou carregado.

– Encontrastes peixe? – perguntaram quando ele chegou no acampamento.

– Encontrei muito, cozinha pra gente comer! – pediu o pescador.

Esse Espírito da Mata cozinheiro queria comer todo o peixe dele e pretendia comê-lo também. Mas o pescador foi esperto nessa refeição, escondeu-se pelas raízes das árvores logo que acabaram de comer.

O Espírito da Mata saiu procurando-o. Quando achou, puxou.

Ao puxar, o que viu?

Um jacaré, que lascou-lhe uma mordida!

– **Kara kara kara!** – gargalhou o Espírito da Mata.

Não é que achou graça. Riu de raiva da própria desgraça!

24 História que aconteceu com Guiré na roça

Adão é o escritor dessa história.

Quem contou foi Guilherme Tenório. Isso aconteceu recentemente na comunidade deles, onde está a nova escola.

Quando Guiré estava limpando o terreno para sua roça nova, encontrou um buraco que parecia ser de tatu. Abaixou bem e viu pêlo na boca do buraco.

– Uoooo uoooo – ouviu um ronco.

– Tem tatu aí! – disse. – Preciso de um ajudante para pegar esse tatu – pensou.

– Quem aqui é o melhor caçador de tatu? – Guiré entrou na comunidade perguntando.

– Aquele ali é bom – indicaram.

– Tá bom, eu pego o tatu para tu comeres – topou o tal moço.

– Vamos logo, senão o tatu sai do buraco! – apressou Guiré.

– Calma – retrucou o ajudante – que tatu não anda de dia, só de noite!

– Dá teu jeito, eu vou esperar em casa – disse Guiré.

O ajudante foi fumaçar o buraco.

Demorado, um bicho morreu asfixiado lá dentro. Só que não era tatu.

Ali era buraco de mucura, um tipo de gambá. Por isso o ajudante voltou sem tatu. Desanimado, nem parou na casa de Guiré, desviou o caminho e foi direto pra própria casa.

– Aquele ajudante malandro, nem entregou meu tatu – Guiré passou a semana desconfiado.

Aqui termina a história.

25 História do Deus Preguiçoso que quase cegou a Ariranha

Muito antigamente, na origem do mundo, era verão.

Um Homem saiu pra pescaria acompanhado de uma Ariranha.

A canoa deles era um Jacaré.

Eles vinham subindo o rio conversando, quando o Deus Preguiçoso, sentado num galho bem alto de árvore, escutou e esperou aproximarem-se.

– Por favor, levem-me também! – o Deus Preguiçoso pediu carona.

– Ok, senta ali perto da Ariranha – disse o homem, e seguiram. Só que toda hora a Ariranha mexia e caçoava do Deus Preguiçoso.

– Não enche! – reclamava o Deus Preguiçoso. Mas a Ariranha continuava provocando.

De repente o Deus Preguiçoso perdeu a paciência e deu um soco no olho da Ariranha.

– **Ti ti... ti ti... ti ti!** – a Ariranha caiu na água e entrou num igarapezinho, chorando.

É por isso que os olhos da ariranha são daquele jeito, até hoje.

Assim termina essa história, escrita por Poani Ramos.

26 História do trabalho no piaçabal

Antigamente, tinha um piaçabal onde trabalhavam brancos e índios.

Lá rondava um Espírito da Mata que não os deixava em paz.

– Uuuuuuuu – ele chamou, de longe, certa noite.

Os piaçabeiros fugiram assustados de canoa.

Logo depois o Espírito da Mata invadiu o acampamento deles.

Eles tiveram sorte de conseguir fugir.

O pessoal que ia trabalhar nos piaçabais passava sempre assim. Nem trabalhavam direito, de tanto medo.

Assim termina a história dos piaçabeiros.

27 História da família grande

Escritor Utãdiata (João Bosco Azevedo Rezende).

Um homem teve muitos filhos.

– Nós temos filhos demais, não dá para alimentar todos eles – o marido falou certo dia para a esposa.

– Vamos abandonar um menino e uma menina dentro do mato – combinaram e foram.

– Para onde estamos indo? – perguntou a menina.

– Não vamos a lugar algum, só estamos passeando! – respondeu o pai.

As crianças, prevenidas, tinham levado uma espiga de milho. Depois de andar muito longe, onde não existia mais caminho, elas começaram a jogar grãos de milho por onde passavam, para não se perder.

– Vamos fazer xixi logo ali – dissseram os pais no meio do mato, enganando as crianças e abandonando-as.

Enquanto o casal voltava pra casa, as crianças já vinham voltando atrás deles.

Mas era longe demais. Quando anoiteceu, os pequenos procuraram um buraco de árvore oca para dormir.

Na manhã seguinte continuaram voltando.

Chegaram em casa depois que os pais já tinham saído pro trabalho na roça.

Quando os pais voltaram do trabalho, lá estavam as duas crianças brincando com os irmãos deles.

– Nós jogamos esses meninos fora! O que eles estão fazendo aqui? – disseram os pais.

Assim termina essa história.

28 História do homem curioso e o Espírito da Mata

História escrita por Antônio Rezende. Contada por Paulino Ramos.

Certo dia, um caçador foi bem longe no mato. Ao anoitecer, vinha voltando pra casa desanimado, quando viu um Espírito da Mata passar correndo.

– E aí meu primo, chegastes aonde? – ele perguntou ao caçador.

– Eu fui caçar por aí e não achei nada – respondeu chateado.

– Eu cacei duas antas e vou te dar uma – disse o Espírito da Mata. Na mesma hora entregou para o homem um pacotinho pequeno, bem embrulhado numa folha de árvore.

– Tu não deves abrir este pacote agora. Só abre quando chegares em tua casa – alertou, virou as costas e foi embora.

O homem seguiu. Veio andando, andando, até que não agüentou de curiosidade.

– Por que ele me falou aquilo? – pensou, já desamarrando o pacote.

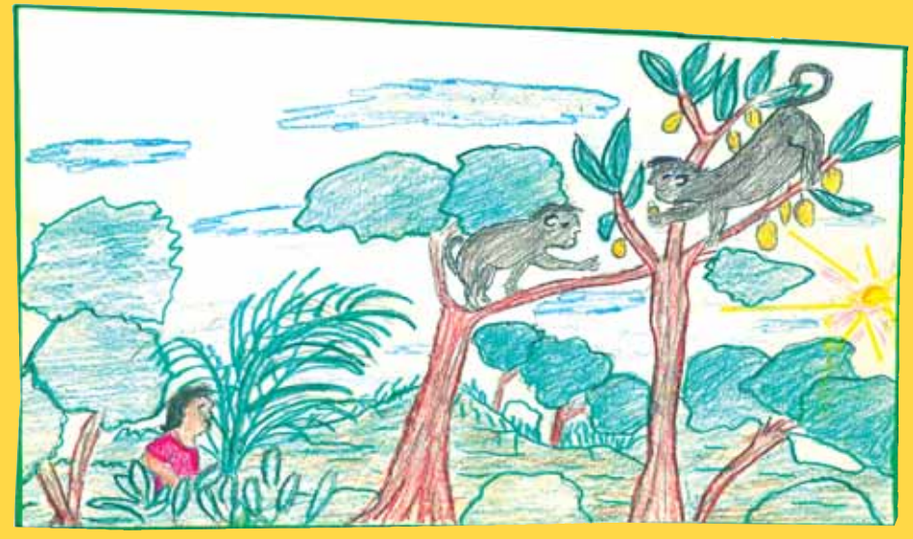
De repente, caiu do pacotinho uma anta enorme. Espantado, ele tentou refazer o embrulho de anta, mas não deu certo. Tentou carregar, mas estava pesado. Deixou lá e voltou para casa.

Avisou aos parentes que a anta estava lá. No dia seguinte, todos foram ajudá-lo a carregar a caça. Mas, quando viram, não tinha mais anta nenhuma naquele lugar.

Aqui termina a história.

29 História dos macacos (tudo o que o caçador viu)

História contada por Paulino Ramos. Escrita e ilustrada por José Maria.



Certa vez um homem foi caçar no meio do mato.

Chegando na cabeceira do igarapé Açaí, deu de frente com dois macacos. Escondeu-se atrás de uma moita e ficou observando.

– **Hu hu hu hueu, hueu, hueu** – o caçador imitou a voz dos macacos, que se aproximaram mais, e ele pôde ver tudo muito bem.

O macaco-pai deixou o filhote sentado e foi colher frutas. Voltando, quebrou as cascas e deu as frutas para o filho comer. Depois foi de novo, pegar mais. O filhote ficou sentado comendo.

– **Wirириri, wirириri, wirириri, wirириri** – o macaquinho começou a chorar de repente, porque a fruta que o pai dele deu, caiu.

Quando o macaco-pai voltou, bateu nele, bem na bochecha. Na mesma hora, puxou o macaquinho e foi embora bravo, carregando-o.

Aqui termina a história.

30 Outra história de caçador e Espírito da Mata

Emílio contou essa história pro filho dele, Raimundo Tenório, que escreveu a história aqui. Essa história aconteceu numa capoeira lá na beira do rio Uaupés.

Certo dia, um homem foi caçar. Andando na mata, chegou à beira de um igapó.

– **Agu! Agu! Agu!** – ouviu por ali uns gritos de dor.

– O que será isso? O que está acontecendo? – pensou. Desconfiado, saiu procurando por toda parte, até que viu um velho estranho.

– Ei meu neto, não tenha medo, olha para mim! Mata logo essa cobra enorme que está me engolindo! – disse o velho.

Tremendo de medo, o caçador pegou uma faca e acertou a cobra.

– Avô, eu não consigo cortar o couro duro dessa cobra!

– Então pega rápido a faca que está dentro da minha bolsa! – pediu o estranho, já sem forças.

– Eu não estou encontrando a bolsa! Nem a faca! – falou o caçador, já desesperado.

– Depressa! Está aí mesmo! Procura rápido, ela está me engolindo!

Finalmente o caçador encontrou a bolsa do velho. Lá estava uma faca feia, toda quebrada e sem cabo, enrolada com breu.

– Corta logo essa cobra! – gritou o velho.

Bastou o caçador encostar a faca na cobra grande, que ela cuspiu fora o estranho e morreu.

O dito avô levantou-se devagar.

– Obrigado meu neto, graças a você estou salvo. Fica com essa faca como recompensa. Pode usá-la nas caçarias, mas com moderação, não exagera, não mata bicho demais. Se não usares direito a faca, eu pego de volta – disse e foi embora.

Naquele momento o caçador teve certeza. O estranho não era humano, mas Espírito da Mata.

No mês seguinte o caçador usou a faquinha poderosa diariamente. E exagerou, matou demais. O Espírito da Mata voltou muito chateado.

– Na floresta somos muitos Espíritos da Mata, bons e maus. Essa faca é muito útil para nós. Serve para caçar, cortar lenha, cortar a carne da caça para moquear. É assim que a gente sobrevive no mato – disse e sumiu no meio do mato levando a faca.

Assim termina a história do caçador.

E não se esqueçam! Sempre que ouvirem barulho de pau caindo na floresta, são os Espíritos da Mata que estão cortando lenha para fazer fogo!

31 História de pescador

História escrita por Masãme (Josival).

Num lugar muito distante chamado Vila Nova, um velho foi pescar com o genro dele.

Subindo o rio, chegaram em um lago onde tinha muito peixe.

Primeiro, pescaram com malhadeira. Pegaram um peixe-espada. Depois continuaram rodeando o lago, pescando com caniço.

De repente, um peixe comeu a isca. O velho puxou, puxou, e quando viu, era curubiça, peixe-agulha.

– Tanto esforço para pegar um peixe que ninguém gosta de comer! – os dois acharam muita graça.

Chegando em casa, o velho contou para a mulher dele:

– Hoje passei vergonha na pescaria.

– Nós velhos somos assim mesmo – comentou ela.

Aqui termina a história.

32 História de caçador

São escritores dessa história Porõ (Carlos Marques Meira), Utãdiata (João Bosco Azevedo Rezende) e Edilson Ramos. O contador é Utarõ.

Há muito tempo atrás, um homem foi passear e caçar. No meio da floresta atravessou uma clareira.

– Lá adiante tem mais caça! – falou um Espírito da Mata que estava ali sentado. O caçador resolveu segui-lo.

Andando juntos, encontraram um pau oco.

– Nesse buraco deve ter tatu. Por que não entras lá pra ver? – falou o Espírito da Mata

– Está bom – disse o homem e foi entrando no oco do pau.

– Vou aproveitar, tapar logo o buraco e comer esse homem – disse o Espírito da Mata. Dito e feito. Fechou bem o buraco com o caçador lá dentro.

– Agora vou buscar cupim para fumaçar esse homem – disse.

Enquanto o Espírito da Mata se afastava para buscar cupim, o homem saiu rápido, tapou novamente o buraco, subiu numa árvore. Lá ficou, só olhando o que ia acontecer.

O Espírito da Mata voltou todo alegre carregando cupim, com aquela vontade de matar o homem. Fez fogo e começou a fumaçar o oco.

A certa altura, cansado, imaginou que o homem já teria morrido. Entrou no oco para procurá-lo, mas não o encontrou.

– Onde foi esse espertinho, que adivinhou meu pensamento e escapou? – pensou.

Enquanto isso, começou a se coçar na perna. Nessa hora bateu uma fome tão grande,

tão grande que ele não agüentou, cortou logo a barriga da própria perna e comeu. Enquanto comia, revirava os olhos pra todo lado à procura do fugitivo. De repente o viu, bem ali, no topo da árvore.

– Vou te comer! – gritou e deu um pulo. Queria correr atrás do caçador, mas caiu sentado, por causa da própria perna, perneta.

O caçador voltou para casa são e salvo. Aqui termina a história.

33 O caranguejo e o primo do caranguejo

Escritores: Suhnia (Adão) e Poani (Higino Pimentel Tenório). Narrador: Pedro, que disse que a história aconteceu no rio Komeña.

Um dia o caranguejo convidou o primo.

– Primo, vamos comer cunuri? Ele aceitou e foram juntos.

– Cunuriiii iiiiiiiis! – chamaram.

– Uuuuuuuuuuuuu – responderam as frutas.

– As frutas ainda estão vivas. É melhor a gente voltar amanhã – o caranguejo disse ao primo.

Dois dias depois, foram de novo.

– Cunuriiii iiiiiiiis! – o caranguejo chamou.

As frutas não responderam.

– Opa! Acho que elas já morreram. Vamos comer? – o caranguejo perguntou.

– Eu não tenho nenhum dente para mastigar – disse o primo, chateado.

– Tudo bem, eu mastigo para você – respondeu o caranguejo. Comeram.

No dia seguinte o caranguejo convidou de novo.

– Vamos embora comer cunuri? – perguntou.

– Eu não vou não. Esse negócio de tu mastigares para eu comer não dá. Teu bafo é ruim demais. Vai sozinho.

– Então está bom, banguelão! – respondeu o caranguejo, com raiva do primo.

34 História do Espírito-de-Rã

História escrita por Germano Fernandes Meira.

Era uma vez uma comunidade. Ao redor dela vivia muita rã cantadora.

Certa noite, o canto das rãs abriu o apetite de uma mulher. Ela pediu ao marido que fosse pegar rã para comerem. Lá no meio do brejo, o marido deu de encontro com um Espírito-de-Rã. Foi atacado por ele e morreu.

O Espírito-de-Rã voltou à casa fingindo que era o marido.

– Toma a sopa de rã que querias. Está aí, do jeito que tu gostas, pode comer! – falou pra mulher.

Mexendo no aturá ela percebeu. O Espírito-de-Rã tinha amassado o corpo todinho do marido dela, para caber dentro do cesto. Estava tentando enganá-la.

– Vou buscar água no rio pra cozinhar! – a mulher falou dissimulada, e desceu para o porto carregando uma panela de barro. De lá fugiu nadando! Sem demora o Espírito-de-Rã a alcançou.

– Eu ia te matar, como fiz com teu marido! Tu estás escapando agora. Vamos ver da próxima vez! – ameaçou.

Aqui termina a história.

35 História de um velho e bom caçador de anta

Essa história foi escrita por Ñoro Pena Tenório (Geraldino).

Era uma vez um velho chamado Saí. Ele foi pescar acará num igarapé. Sentado e pescando, viu por ali um caminho de anta. De repente, viu a anta atravessando o igarapé.

– **Pohoooou!** – tentou matá-la na porrada.

Saí era bom caçador.

A anta caiu. Mas levantou, deu meia-volta e subiu o barranco.

– **Pohoooou!!** – deu outra porrada.

A anta caiu de novo, mas levantou e fugiu.

Então, de longe, ele atirou um facão nas costas dela, na altura do pescoço.

A anta correu com o facão nas costas, nem morreu.

Acostumado a caçar antas, não deu sorte dessa vez. Mas acertou tão fundo que, até hoje, aquela anta anda com uma faca no pescoço, como cruz que ela carrega.

Aqui termina a história.

36 História do cachorro mergulhador

Escritor: Ñorõ Pena Tenório (Geraldino).

Certa vez Clemente saiu pelo mato com seu cachorro caçador.

Quando o cachorro localizou um bicho, saiu correndo e latindo atrás dele. Mas, de repente, parou de latir!

– Por que meu cachorro parou de latir, o que está acontecendo com ele? – pensou Clemente.

Preocupado, seguiu na direção dele, até chegar num laguinho.

Na beira do lago, viu uma onça sentada.

– **Siuuuu, siuuuu** – a onça falou.

– Será que você não está comendo meu cachorro? – Clemente perguntou.

A onça ouviu e foi embora. Em seguida o cachorro boiou no lago e latiu.

Não é que ele tinha mergulhado para se esconder da onça?

Clemente nunca mais parou de contar esse caso, do seu cachorro mergulhador.

Por acaso alguém de vocês já viu cachorro que sabe mergulhar?

Aqui termina a história.

37 Papo entre o verme e o bicho-de-ingá

Escritor: Higino Tenório.

Certo dia um homem comeu ingá.
Há muito tempo já vivia um verme na barriga dele.
Nesse dia ele engoliu um bicho-de-ingá.
– Você chegou? – perguntou o verme ao bicho-de-ingá.
– Cheguei, tudo bem contigo? – falou o recém-chegado.
– Mais ou menos – disse o verme. – Aqui não é muito bom de morar. Às vezes é quentura demais, outras, só amargura. Um dia sal demais, outro dia, pimenta pura! Não sei quanto tempo vais aguentar viver aqui.
Dito e feito. Nesse mesmo instante chegou uma enxurrada de sopa. O bicho-de-ingá morreu na quentura.
Aqui termina a história.

38 História da cutiaia branca, do mundo depois da morte

Escritor Poani, Higino Pimentel Tenório.

Certa vez apareceu uma cutiaia branca no mato. Ela estava procurando comida pro filho. Nunca antes tinham visto uma cutivaia branca.
No caminho, ela encontrou formigas trabalhando.
– Vocês são formigas de que espécie? O que fazem? – perguntou a cutiaia.
– Somos formigas '*babateiras*'.. Temos esse nome, *ba-bate-iras*, pois o que gente come, a gente espalha (na língua tuyuka, *ba* é comer, *bate* é espalhar).
– Então eu vou com vocês, recolhendo o que forem espalhando! – disse.

A cutiaia seguiu com as *babateiras*, desenterrando todas as frutas que elas espalhavam.

Depois de tirar o caroço, levou tudo para o filho comer lá no outro mundo, mundo de depois da morte, de onde ela vinha.

A gente escuta falar e pode até ver, mas as cutiaias brancas não são desse mundo.

Aqui termina essa história.

39 História do pescador e da onça

Escritor: Suniã (Adão Barbosa).

Certo dia um velho foi no mato. Ficou um tempão pescando acará no igarapé, mas nenhum comeu a isca.

Subiu um pouco mais até um lago, onde pescou outro tempão.

– UUUUuuuuuu – berrou levantando-se de repente, cansado de não pescar nada.

Nesse instante, vinha se aproximando uma onça. Vinha escondida, rondando para pegar o homem. Com o grito, ela pulou de susto e bateu de cara num pau. Levou a pior.

– Agora eu que te ataco! – animou-se o velho.

– **Pisiã.... Pisiã...** – atirou duas flechinhas de zarabatana.

Acabou com a onça. E acabou com a história.

40 História dos queimadores de saúva-da-noite.

Escritores e ilustradores: Odilão Barreto Rezende, Marinécia Fernandes Meira, José Lima Rojas. Narrador: Paulino Ramos.

Certo dia, um velho foi passear no mato. Viu, num local, muita saúva. Parecia a aldeia delas.

Na época de chuva, depois da enchente, ele voltou no local. Era madrugada e tinha muita saúva em revoada. Com ar satisfeito, acendeu turi para queimá-las e comê-las.

– Iaaaa.... Iaaaa... Iaaaa... – gritou, de repente, um estranho que desceu pro formigueiro focando com uma luz forte.

– Quem chegou aqui antes de mim e queimou minhas saúvas? Será um Espírito-de-Anta? Um Espírito-de-Porco? – perguntou.

O velho que já estava lá levou o maior susto.

– Porerõõõõõ... Es-pí-ri-to-de-an-ta! – gritou o velho para espantar o estranho. E ainda escondeu o próprio rosto com seu cabelão, fingindo ser um monstro.

Ao ver e ouvir aquilo, o estranho fugiu correndo.

Assim criaram essa situação de medo.

O velho com medo do estranho, o estranho com medo do velho.

Um desconfiando que o outro era Espírito-da-Mata.

E talvez fossem apenas dois homens.

Talvez...

41 Briga de calango com surucucu

Escritor: Bua (José Maria Barbosa Ramos); narrador: Januário.

Certo dia um calango brigou com uma surucucu.

Um homem viu essa cena.

O calango enfezado levantava-se todo musculoso, corria atrás da surucucu e a mordia.

– **Tototototo** – a surucucu sinalizava quando o calango se aproximava.

Com o sibilo da cobra, o calango recuava. Ele só parou de maltratar a surucucu quando ela morreu.

Dois dias depois, o homem voltou ao local da briga. Lá estava o pau oco pra onde o calango fugiu no final da briga.

Chegou bem perto e conseguiu ver o calango ali, todo machucado, mas vivo.

Tão vivo que, ao perceber o homem olhando, fugiu correndo.

Foi brigar em outra história.

42 História de um velho caçador

Brasilino Barreto contou essa história, que Bua (José Maria) escreveu aqui.

– Vai caçar – sugeriram certo dia a um velho.

– Está bem, eu vou – disse.

Logo que entrou no mato, ele encontrou uma anta.

Continuou andando e viu muitos outros animais.

– Eu não achei nada – disse, no entanto, pro pessoal ao chegar de volta em casa.

A verdade é que ele teve medo de atirar, pois era a primeira vez na vida que pegava uma espingarda.

43 História do pacote de peixe

Escritor Wamɨrõ.

Certo dia um menino estava brincando com um colega.

– Colega, vamos comer o peixe daquele pacotinho? – perguntou quando cansou de brincar.

– Vamos – respondeu o colega.

O menino foi até os fundos da casa e trouxe um embrulho.

Enquanto desamarrava o pacotinho o colega esperava, com beiju e pimenta na mão, pronto pra temperar o peixe.

Mas quando abriram o embrulho, o que viram?

Não era pacote de peixe. Era um pacote de minhocas, para a pescaria do pai.

Essa história é contada para chamar a atenção das crianças que costumam pegar as coisas dos outros.

Anotações para leitores

sobre costumes do povo indígena tuyuka

Temas das histórias

Locais das histórias

A pesca - técnicas e instrumentos usados

Os acampamentos de caça e pesca

A caça

As roças

Alimentação diferente

Processamento de alimentos

Os utensílios domésticos

A casa sagrada ou maloca

Os nomes, em tuyuka e em português

As onomatopéias, em tuyuka e em português

A floresta e seus ambientes

Rios, igarapés e lagos

Tempos de enchente são chamadas "invernos"; estiagens são "verões"

As palavras em **negrito** aparecem também nas histórias do livro.

Temas das histórias

Várias histórias desse livro são acontecimentos vividos por homens pescadores e caçadores. Outras aconteceram com mulheres trabalhadoras das roças e que cuidam das casas, pátios das comunidades, ficando com as crianças durante seus afazeres.

Algumas histórias falam do tempo mítico da origem do mundo e da cultura tuyuka, quando a humanidade em formação subiu o rio Amazonas, depois o rio Negro e o Uaupés, no bojo de uma Cobra-Canoa. A Cobra-Canoa seguiu pelo fundo dos rios como um submarino, emergindo em alguns lugares. Em cada local destes a humanidade amadureceu um pouco mais, ganhando conhecimentos novos sobre danças, instrumentos, plantios, ferramentas, organização da sociedade, características de cada ser. Por isso esses são lugares sagrados, conhecidos e respeitados.

Para os Tuyuka, todos os animais se organizam, têm suas casas, suas conversas, suas próprias sociedades. São gente que vive, conversa, ri, trabalha e tem parente. Seus chefes controlam e revidam os maus costumes dos caçadores ou pescadores humanos, que matam mais do que agüentam comer.

Na aparência, os animais se transformam. Às vezes aparecem aos humanos como gente, outras vezes na forma dos diferentes animais que existem.

Os Espíritos da Mata vivem no meio da floresta, em locais afastados das aldeias dos humanos. Alguns são parentes dos animais. Outros são almas de parentes dos humanos que já morreram, parte da alma que ronda nas florestas. Têm casas em ocos de árvores ou nas clareiras do meio da floresta.

Provocam, assustam e devoram as pessoas. Aproximam-se das aldeias quando os moradores humanos saem. Ameaçam moças e mulheres que circulam menstruadas pela mata e no caminho da roça, o que é muito perigoso. Não gostam do cheiro que elas exalam, podem atacá-las e comê-las.

Os homens, que caçam e pescam para suas famílias, afastam-se muito das aldeias. Vão longe no meio da mata. Atravessam trilhas dos animais, passam pelas moradas de seus chefes, encontram-se com muitos Espíritos da Mata.

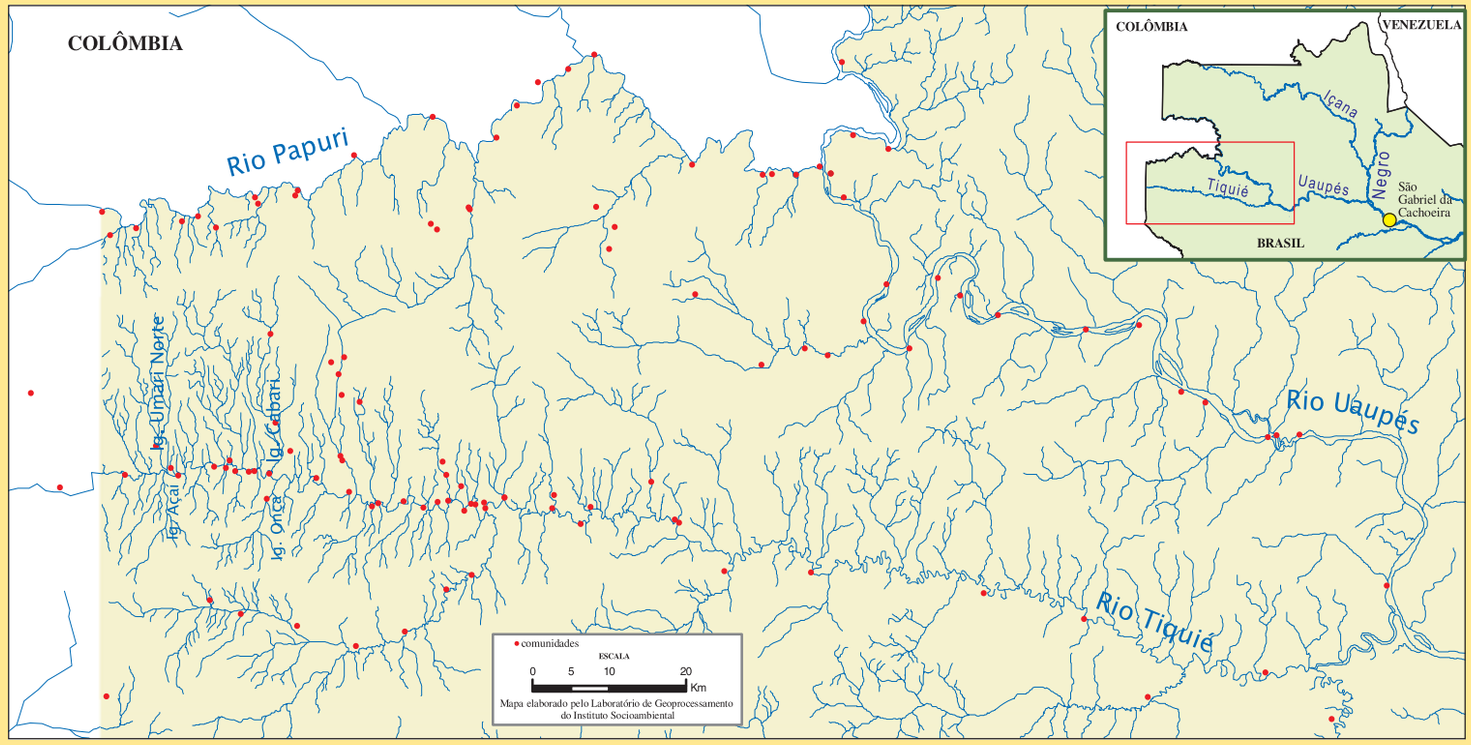
As onças são os animais mais perigosos na região. Quando uma pessoa Tuyuka desrespeita as proibições que fazem parte da tradição tuyuka, ela fica mais atrativa, mais saborosa às onças e às cobras. Corre risco de vida.

As proteções são feitas com bênçãos ou benzimentos, jejum alimentar, óleos benzidos, unguentos. É uma sociedade com muitas regras para consumo alimentar: não pode comer comida muito quente, não pode assado, não pode isso e aquilo. Tudo para não provocar os seres da floresta.

Por tudo isso, caçadores, pescadores e mulheres voltam de seus trabalhos contando muitos casos desses encontros assustadores.

Locais das histórias

Alguns narradores e escritores identificam o local onde aconteceu uma história.



Esse mapa mostra os rios, igarapés e comunidades indígenas (pontos vermelhos) na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, região apelidada "Cabeça-de-Cachorro" (observem o contorno do mapa menor!)

Os rios Negro e Uaupés são os maiores. O rio Tiquié é afluente do Uaupés. No alto Tiquié vive hoje a maior parte dos Tuyuka, brasileiros e colombianos.

Da origem do mundo até antigamente, os Tuyuka viveram no rio Papuri. Depois, alguns migraram para o Tiquié, pois ouviram dizer que esse rio era mais rico em peixes que o Papuri. No alto Tiquié, ocuparam também os igarapés Onça, Cabari e Açaí.

Os Tuyuka gostam mais de viajar pelos rios de canoa do que à pé, por trilhas do mato. Como alimento, preferem peixe à carne de caça. Geralmente, fazem suas caçadas enquanto descem um rio pescando. Pegam os animais que vêm beber água na beira do rio. Por isso são conhecidos por "povo do rio".

A Pesca - técnicas e instrumentos usados

Os homens tuyuka pescam muito, sendo o peixe sua principal fonte de proteína. Comem mais peixe do que caça.

Gostam de fazer pescaria noturna facheando. **Fachear** é pescar usando lanterna para focar os peixes. O foco de luz ajuda a localizar os peixes que estão dormindo. O pescador leva a lanterna presa à cabeça, o remo em uma mão e a zagaia na outra. **Zagaia** é uma lança cuja haste de madeira termina com um tridente de ferro pontiagudo.

Os Tuyuka também usam vara de pesca com anzol e isca, ou armadilhas como malhadeiras, puçás e matapis. **Malhadeira** é a rede de pesca. **Puçás** são feitos de tecidos fabricados à mão com fios de fibra de palmeira (tucum). O tecido é preso a uma armação circular de cipó rígido, que forma sua boca.

O **matapi** é outra armadilha, feita com talas de **paxiúba**, na forma de um grande cone com boca aberta, e outro cone invertido de boca bem estreita. O cone é fixado dentro da água, encaixado nas pedras, com a boca voltada contra a corrente. Não é preciso colocar isca. O peixe, descendo o rio, entra no matapi e não mais consegue sair. **Paxiúba** é uma palmeira cujo caule resistente e fibroso é próprio para se fazer tábuas, varetas ou hastes.

Outra técnica de pesca adotada consiste em enfiar pedaços de casa de **cupim** em varas e galhos da beira do rio, cobrindo-os com uma folhagem. É uma ceva para os peixes. Depois de ajeitar a armadilha, os pescadores ficam rodeando de canoa, vendo se os peixes comem a isca. Quando isso acontece, pegam com o puçá.

Também jogam **timbó** em lagos ou trechos represados dos igarapés. Timbó é um cipó que, depois de arrancado, é amarrado em feixes e batido dentro da água para liberar uma substância entorpecente. **Tinguijar** ou bater timbó é uma técnica de pesca onde o cipó entorpecente é misturado com barro e jogado no igarapé ou lago. Os peixes ficam paralisados, zonzos e bóiam, tornando-se presa fácil para pegar com puçá. Um puçá de trama mais fina é usado para peixes miúdos e camarõezinhos. Nos "verões" os igarapés estão secos e o timbó fica mais concentrado.

Os Tuyuka usam seus instrumentos tradicionais de pesca como puçá de tucum, matapi, cacuri, jequi e caiá (armadilhas fixas ou móveis feitas de madeira ou talas de palmeiras), mas também usam instrumentos industrializados como anzóis de metal, linhas e malhadeiras de nylon.

Peixes comuns no alto Rio Tiquié são: **aracu**, **sarapó**, **acará**, **jeju**, **tamoatá**, **traíra**, **jandiá** e **pacu**. Outros não existem lá, só em regiões de rios maiores, como o **tucunaré** e o **curubiça** ou peixe-agulha. Ninguém come curubiça porque sua origem nesse mundo foi a partir de um herói muito traiçoeiro.

Acampamentos de caça e pesca

Às vezes os Tuyuka saem para pescarias ou caçarias em lugares mais distantes, rios mais piscosos. Lá constroem uma tenda com cobertura de palha chamada **tapiri**, fazem fogo para se aquecer à noite, para cozinhar ou **defumar** (**moquear**) os peixes.

Passam dias e noites na pescaria, aproveitando também as oportunidades de caça.

Caça

A caça é mais abundante no centro da mata, bem longe do movimento das comunidades e seu entorno. Estes locais são ricos de caça, mas também são perigosos.

É comum os caçadores saírem com **espingarda**. Alguns possuem **cães de caça**, geralmente vira-latas farejadores que localizam animais no mato. Os cachorros saem com o dono e depois se afastam, correndo pela mata ao localizar um animal pelo som, cheiro, ou avistá-lo. O caçador segue de longe, assoviando ou chamando pelo cão, que vai respondendo. O cachorro sinaliza quando persegue e encurrala um animal de caça.

Antigamente, caçavam mais com arco-e-flecha e zarabatana. A **zarabatana** é um tubo longo feito com uma palmeira de mesmo nome, que tem seu miolo oco. Através do tubo são soprados pequenos dardos envenenados, que paralisam a presa atingida. É mais usada para atingir macacos e aves, no alto.

Bebedor é um poço fundo no leito do rio que acumula mais água. Quase sempre está em terreno de serra, pedregoso. É ponto de encontro dos animais, que vão lá matar a sede e conversar. Bebedores são também casas, moradas das antas. Por isso os caçadores vão muito lá.

Os Tuyuka costumam caçar animais como **antas**, **porcos-do-mato**, (**caititus** e **queixadas**), **macacos**, **tatus**, e outros. Eventualmente, caçam **mucuras** (um roedor parecido com uma ratazana) e **ariranhas** (mamíferos), mas não gostam de comê-los.

Dos répteis, caçam e comem **lagartos** ou teiús e jacarés.

Jabutis e aves como **jacamins** são pegos na mata e criados como animais de estimação ou xerimbabos. Como tal, nunca são consumidos como alimento.

Roças

A mandioca, plantada todo ano em grandes roças, é muito rica em amido. A **mandioca brava**, como é conhecida na região norte, é diferente da macaxeira ou aipim. Ela contém um veneno que precisa ser eliminado antes do consumo. Por isso é colhida e processada (ralada e espremida) para separar a parte sólida (massa) da líquida (**manicuera** ou tucupi em outros locais da Amazônia). O líquido é fervido até evaporar todo o veneno, que então pode ser consumido. A massa é torrada em fornos, na forma de grandes pães circulares conhecidos como **beijus**.

Cada família possui entre três e cinco roças em diferentes fases de crescimento. Enquanto uma está sendo plantada, outra está amadurecendo e outra pronta pro consumo. Visitam as roças quase todos os dias, para fazer a colheita da mandioca e outros produtos (banana, abacaxi, cucura, cubiu e outras frutas; batata-doce, cará e outros tubérculos; pimenta etc.). Ou as visitam para plantio e limpeza (**capinar** as ervas-daninhas e queimá-las, usando as cinzas como adubo). Para essa **coivara**, acendem uma pequena fogueira na roça. Um pedaço de terra que tinha roça, a roça acabou e fica descansando pra mata crescer de novo e o solo revigorar é chamado **capoeira**.

Nos **mutirões**, moradores se reúnem para o trabalho, prestando serviço para a comunidade, como a limpeza de um campo de futebol que todos usam; ou trabalhando em proveito de um só, na derrubada da mata, plantio, colheita ou queima da roça dele; construção de uma casa. Nesse dia a pessoa favorecida faz uma bebida fermentada de mandioca, o **caxiri**, para oferecer aos outros.

A mandioca, o **milho** e o **tabaco** são cultivos de origem indígena sul-americana. Dessecadas, as folhas do tabaco constituem o fumo.

Alimentação diferente

Alguns alimentos que os povos indígenas consomem parecem estranhos para os moradores das cidades mas, além de saborosos, são muito nutritivos e têm fartura na floresta. Podemos citar as **larvas de borboletas** (**lagartas** e **mochivas**), bastante gordurosas e riquíssimas em proteínas. E as formigas tanajuras, **manivaras** ou içás cheias de ovos. Na época em que estão com ovos, fazem a **revoada** para formar novos formigueiros. São capturadas quando saem do olho do formigueiro e consumidas ao natural ou torradas e piladas, resultando numa farinha muito saborosa.

Processamento de alimentos

O cozimento das carnes e tubérculos é a forma mais comum de processar os alimentos para comer. Também usam fornos muito grandes para torrar farinha e beiju. Além disso, costumam **moquear** alimentos, defumando-os para conservar mais tempo. Para moquear ou defumar são construídos **jiraus**, que são armações de madeira em forma de estrado, sobre forquilhas cravadas no chão. Quando a caça é grande como uma anta e produz muita carne, um grande jirau é armado ao ar livre.

Pimentas

Os principais temperos de peixes e carnes são a pimenta e o sal.

As pimentas são aproveitadas também como armas pois, quando queimadas, produzem uma fumaça que provoca ardência e dor muito fortes. Podem **fumaçar** com pimenta um buraco de tatu (é uma técnica de caça), assim como fumaçam um oco de pau onde suspeitam ser esconderijo de Espíritos da Mata.

Nos dois casos a fumaça age sufocando a vítima.

Utensílios domésticos

Os produtos colhidos nas roças são transportados para casa em **aturás**, que são cestos de fundo esférico de cipó usados para o transporte de carga, e que as pessoas levam às costas suspensos por uma alça passada à volta da cabeça.

Os Tuyuka não fabricam os cestos cargueiros que usam. Eles são fabricados pelo povo Hupda, que os entregam aos Tuyuka em troca de outros produtos de sua necessidade, como sal, panelas de alumínio, roupas, farinha e mandioca.

No alto rio Negro vivem pelo menos 20 povos indígenas diferentes. Os Tuyuka são um deles. Alguns povos são vizinhos deles: o povo Tukano ou Yebamasã, o povo Bará, o Barasana, o Hupda, o Desana... Outros vivem em rios mais distantes, como os Baniwa.

Os Hupda são especialistas na fabricação de cestos. Os Tuyuka, especialistas em canoas. Os Desana, fabricantes de balaios de arumã usados para servir beiju. Os Baniwa são os únicos fabricantes dos raladores de mandioca. Um amplo sistema de trocas vigora na região, garantindo que os ralos Baniwa cheguem a todas as outras etnias; assim como os aturás Hupda, as canoas Tuyuka e assim por diante.

A casa sagrada ou maloca

Antigamente todos os povos indígenas do Alto Rio Negro construíam casas bem grandes, chamadas de 'maloca' na região, que eram moradas coletivas de várias famílias. São casas bem grandes para até dez famílias. Na maloca, os vários filhos homens de um casal, com suas esposas e filhos, moram ao lado dos pais. As filhas mulheres deste casal mais velho vão morar fora, nas malocas de seus maridos. Na região, o costume é o filho homem morar com os pais. Filhas mulheres partem para morar na comunidade dos maridos.

Durante um ritual ou festa, a maloca representa o universo, o chão da maloca é a terra, os postes são montanhas que sustentam o telhado, que representa o céu. Sob o solo da maloca corre, de oeste a leste, um rio invisível, fonte de vida.

Hoje as malocas são encontradas em poucas comunidades. Isso porque aconteceu naquela região uma catequese muito violenta. As missões, em seu intuito de enfraquecer a cultura dos índios, proibiram-nos de morar em malocas, insistindo para que cada família construísse sua casa individual, à nossa maneira.

Nomes, em tuyuka e em português

Na região do alto Rio Negro as cidades, as comunidades e muitos lugares ou rios têm um nome indígena e um nome em português. Um nome não é necessariamente tradução do outro. Os nomes das pessoas não são traduções. Podemos ver dois nomes citados para alguns escritores das histórias. Em Tuyuka, os homens se chamam Poani, Bua, ʉtarõ, Poro, Ñoro. As mulheres Dia, Sano... Existe um estoque de nomes para os homens e um estoque de nomes femininos. Cada nome carrega uma personalidade, uma força para conhecer melhor cantos, rezas ou outros ofícios. Mas todas as pessoas têm também um nome em português, o nome de batismo na missão, como Joaquim, Raimundo, Antônio.

Onomatopéias, em tuyuka e em português

Algumas palavras imitam o som das coisas. No português, Ai! significa dor. Teim! Significa uma coisa metálica batendo...

Os tuyuka imitam diferente o som das coisas, e por isso criaram outras onomatopéias.

Tohouuuu, para um tiro de espingarda. **Tu tu tu tu**, para os puns. **Kiri kiri kiri**, para um chocalho. **Agu agu!** É o grito de dor. **Kara kara kara**, um riso assustador.

Floresta e seus ambientes

O jeito da mata, a vegetação e o solo variam bastante de uma parte para outra da floresta. Ao longo das matas também existem espaços sem árvores, que são as **clareiras** bem iluminadas, comuns onde o solo é coberto de areia (arenoso).

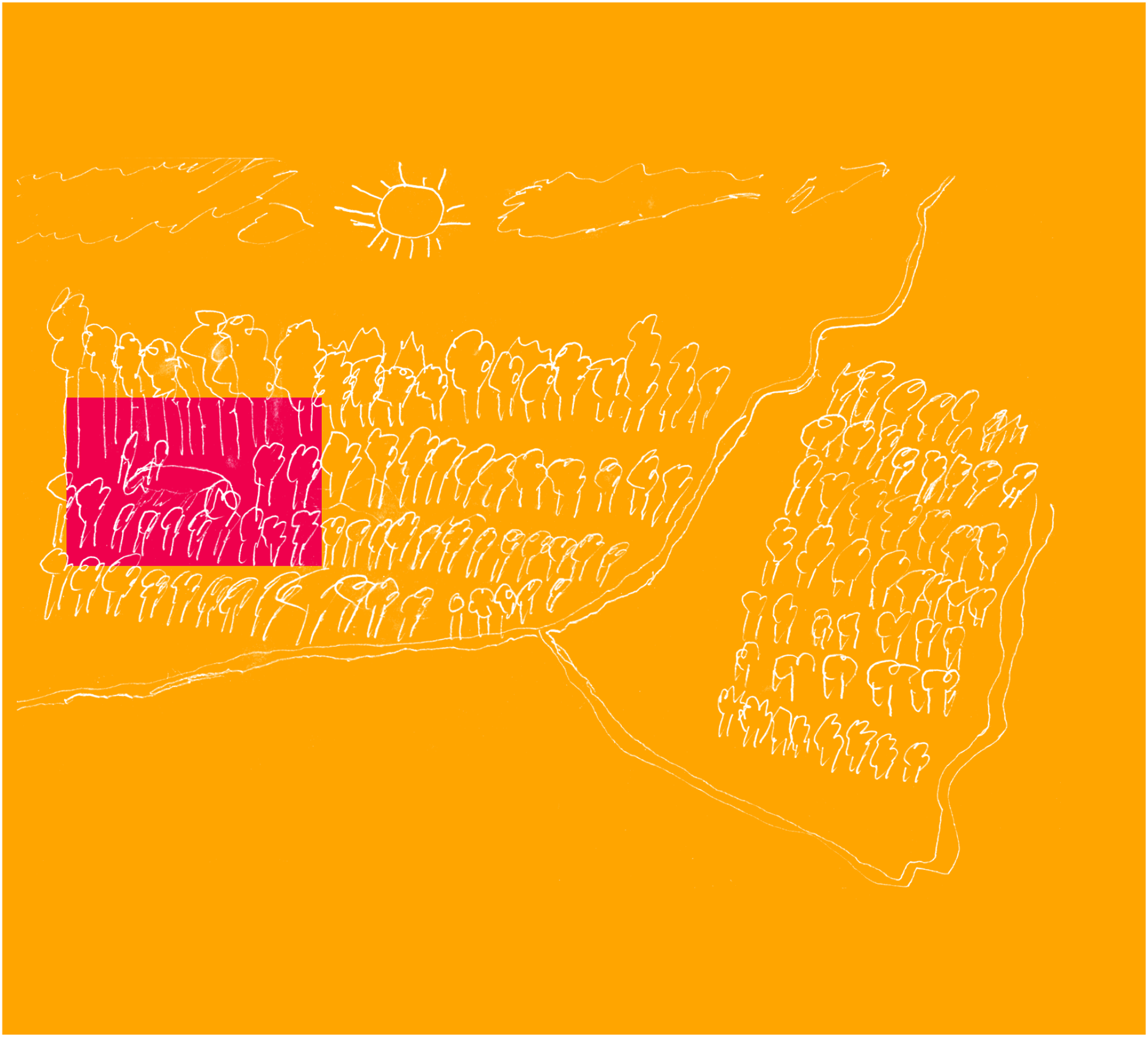
Nas beiras dos rios, tem trecho da floresta que inunda após a enchente ou no período de rio mais cheio. São os **igapós**, ricos em alimentos para os peixes, frutos e flores que caem das árvores. O alto rio Tiquié, onde vivem os Tuyuka, é uma região de muitas cachoeiras, terras firmes, altas e que nunca inundam. Por isso sofre certa escassez de peixes. O baixo e médio Tiquié têm muitos lagos e igapós, sendo ricos de nutrientes e de peixes.

Tem espaços de mata onde predomina mais um tipo de árvore. Em meio a uma diversidade de plantas, o **piaçabal** tem mais piaçaba; o **açaizal** tem mais açaí, o **arumãzal** tem mais arumã; o cunurizal mais **cunuri**, e assim por diante.

Das plantas silvestres coletadas pelo homem, o **cunuri** só tem na região amazônica. As frutas de cunuri devem ser coletadas, colocadas num aturá e mergulhadas na água por alguns dias, para amolecer e perder um veneno amargoso para serem consumidas. A **sorveira** dá bem na região tuyuka. Tem fruto comestível e também produz balata, que é como um plástico natural feito da seiva da árvore. O **arumã** tem um caule parecido com o da cana ou do bambu, que serve para fazer balaios e cestos variados. A **paxiúba** é uma palmeira comum nos igapós, de madeira escura. O **tucum** é uma palmeira comum nas capoeiras.

Rios, igarapés e lagos

O rio Negro é um afluente do rio Amazonas. O rio Uaupés, afluente do rio Negro. E o rio Tiquié, onde vive parte do povo Tuyuka, é um afluente do médio rio Uaupés. O Tiquié é um rio de médio porte. Os afluentes menores de um rio são chamados, na região, de **igarapés**.

Chuvas e enchentes ou "**invernos**"; estiagens ou "**verões**"

O calendário anual tuyuka é baseado na observação astronômica, na passagem das diversas constelações. Os Tuyuka desenham as constelações de forma diferente das nossas. De acordo com a posição das constelações no firmamento, situam épocas de chuvas, estiagens e a variação do nível das águas dos rios. Os Tuyuka assinalam a existência de treze enchentes (chamadas de "**invernos**" ou *pue*) e oito estiagens ("**verões**" ou *kʉma*), associados a uma seqüência de eventos ambientais e atividades de subsistência relacionados: os períodos de floração e frutificação das palmeiras e outras árvores frutíferas; os períodos de **revoadas** de diferentes espécies de formigas e cupins; o período das **piracemas** de aracu, jandiá e piabas e de desova de traíra; do aparecimento das rãs grandes e das pequenas; as melhores épocas para derrubar a mata e a capoeira, fazer a queimada e plantar roças.